

## **ANEXO DOCUMENTAL**

## NOTA EXPLICATIVA

O anexo documental que se apresenta integra 77 documentos, cujo índice também a seguir se inclui, e foi organizado sem qualquer preocupação de sistematização temática. A selecção documental foi feita de forma aleatória e com a correspondência transcrita apenas se pretende proporcionar uma amostragem que, de algum modo, pelo seu conteúdo, tipifica a natureza dos assuntos que predominavam no relacionamento entre o consulado dos E.U.A. nos Açores, com sede na ilha do Faial, e o Departamento de Estado do governo americano.

A forma como o anexo documental está organizado obedece aos seguintes critérios:

### Cabeçalho

- Cada documento apresenta um número de ordem de 1 a 77;
- Na linha a seguir ao número de ordem do documento consta um breve texto indicativo do tema, ou temas, mais em destaque;
- Vem em seguida a localização do documento original, referenciada aos CD's em que este trabalho se fundamenta, e que se encontram reflectidos nas respectivas colunas do **QUADRO I** contendo os sumários.

### Documento

Transcreve-se na íntegra, em tradução para português da responsabilidade do autor do presente trabalho, o documento seleccionado. Sempre que no original se deparou com expressão ou palavra ilegível, indicou-se o facto com um ponto de interrogação entre parêntesis recto.

## ÍNDICE DOS DOCUMENTOS

DOCUMENTO 1 – Correspondência de 12 de Fevereiro de 1834 remetendo lista de navios e de marinheiros desembarcados no Faial.

DOCUMENTO 2 – Correspondência de 30 de Junho de 1834 remetendo lista de navios e dando conta da escala do navio *Waverly* em dificuldades.

DOCUMENTO 3 – Correspondência de 8 de Março de 1837 sobre direitos de tonelagem.

DOCUMENTO 4 – Correspondência de 10 de Julho de 1837 remetendo listas com movimento de navios e de taxas.

DOCUMENTO 5 – Protesto registado pelo Cap. Frederick A. Stall.

DOCUMENTO 6 – Prisão de um tripulante de navio baleeiro e seu repatriamento.

DOCUMENTO 7 – Sobre a acumulação de marinheiros a cargo do consulado no Faial e seu repatriamento.

DOCUMENTO 8 – Correspondência de 5 de Janeiro de 1839 remetendo mapas de taxas e contas consulares.

DOCUMENTO 9 – Condenação de um navio no porto da Horta por incapacidade.

DOCUMENTO 10 – Correspondência de 24 de Agosto de 1841 com reconhecimento por assistência.

DOCUMENTO 11 – Correspondência administrativa e gozo de licença.

DOCUMENTO 12 – Relatório sobre a situação da economia, sobre encargos portuários e equivalências.

DOCUMENTO 13 – Relatório sobre a economia da ilha, preços, salários, equivalências e prática de comércio por permuta.

DOCUMENTO 14 – Correspondência de 20 de Novembro de 1847 sobre repatriamento de marinheiros, condições de transporte e consequências sociais da sua permanência.

DOCUMENTO 15 – Apoio a navio francês desarvorado.

DOCUMENTO 16 – Sobre a morte de marinheiros no Faial, desertores e repatriamento.

DOCUMENTO 17 – Correspondência sobre uma erupção submarina.

DOCUMENTO 18 – Descoberta de um baixio.

DOCUMENTO 19 – Sobre a deserção de marinheiros dos navios baleeiros.

DOCUMENTO 20 – Protesto registado pelo Cap. Thomas H. Norton por motivo de fogo posto a bordo de navio.

DOCUMENTO 21 – Divergências sobre o pagamento de abonos pelo consulado a marinheiros desembarcados.

DOCUMENTO 22 – Correspondência de 6 de Julho de 1854 remetendo mapas de movimento de navios e de taxas. Informação sobre o ataque das vinhas pelo oídio.

DOCUMENTO 23 – Sobre o funcionamento do consulado na ilha do Faial.

DOCUMENTO 24 – Sobre a morte de um marinheiro na Austrália e suas disposições testamentárias.

DOCUMENTO 25 – Estatísticas do movimento de navios e de taxas. Informação sobre a situação da vinha e da colheita de citrinos.

DOCUMENTO 26 – Situação das culturas da vinha, cereais e batata. Perspectivas de emigração.

DOCUMENTO 27 – Sobre a situação da agricultura. Informação sobre a produção de cereais, vinho e citrinos.

DOCUMENTO 28 – Sobre transporte clandestino em navios americanos.

DOCUMENTO 29 – Sobre a situação da população face aos maus anos de produção vinícola.

DOCUMENTO 30 – Situação das colheitas de cereais e da produção de vinho.

DOCUMENTO 31 – Escala na Horta de um navio suspeito de apoio à causa dos Confederados.

DOCUMENTO 32 – Sobre as movimentações de navios na Terceira para equipar o navio confederado *Alabama*.

DOCUMENTO 33 – Sobre a destruição de navios baleeiros pelo *Alabama* ao largo das Flores.

DOCUMENTO 34 – Sobre a destruição de navios baleeiros ao largo das Flores pelo *Alabama*

DOCUMENTO 35 – Sobre as depredações efectuadas pelo *Alabama* ao largo das Flores.

DOCUMENTO 36 – Sobre a recusa de fornecimento de carvão a navios britânicos apoiando a causa dos Confederados.

DOCUMENTO 37 – Suspeita da presença do *Alabama* na proximidade das Flores.

DOCUMENTO 38 – Sobre o *Alabama* e a perseguição pelo *Kearsarge*.

DOCUMENTO 39 – Sobre as restrições à emigração de portugueses.

DOCUMENTO 40 – Sobre o abastecimento de carvão a navios apoiando a causa dos Confederados.

DOCUMENTO 41 – Episódio entre um navio confederado e um navio inglês.

DOCUMENTO 42 – Sobre o abastecimento de carvão a navios apoiando a causa dos Confederados.

DOCUMENTO 43 – Fornecimento de carvão na ilha Terceira a navios apoiando os Confederados.

DOCUMENTO 44 – Sobre a acumulação na Horta de marinheiros a cargo do consulado e seu repatriamento.

DOCUMENTO 45 – Dificuldades com o repatriamento de marinheiros e encargos inerentes.

DOCUMENTO 46 – Sobre emigração clandestina dos Açores para os E.U.A.

DOCUMENTO 47 – Sobre a emigração clandestina nos Açores.

DOCUMENTO 48 – Sobre o desembarque ilegal de marinheiros de bordo de navios baleeiros americanos e embarque clandestino nas ilhas.

DOCUMENTO 49 – Parecer desfavorável à proposta de elevação de S. Miguel a consulado.

DOCUMENTO 50 – Repatriamento de marinheiros e dificuldades de transporte.

DOCUMENTO 51 – Longa permanência de marinheiros retidos no Faial a cargo do consulado e o problema da prostituição.

DOCUMENTO 52 – Sobre o fornecimento de vestuário a marinheiros retidos na Horta.

DOCUMENTO 53 – Sobre o fornecimento de vestuário a marinheiros retidos na Horta e seus preços.

DOCUMENTO 54 – Despesas administrativas. Um caso judicial por agressão de um marinheiro a um a polícia. Marinheiros retidos para repatriamento.

DOCUMENTO 55 – Movimento de navios baleeiros e encargos com tripulantes no porto da Horta a cargo do consulado.

DOCUMENTO 56 – Concentração de marinheiros desembarcados em S. Miguel e dificuldades de transporte.

DOCUMENTO 57 – Dificuldades para alojamento e repatriamento de marinheiros retidos em S. Miguel.

DOCUMENTO 58 – Encargos elevados e dificuldades em lidar com marinheiros a repatriar e com o grande número de desertores.

DOCUMENTO 59 – Perspectivas de comércio entre os Açores e os E.U.A.

DOCUMENTO 60 – Sobre taxas de tonelagem

DOCUMENTO 61 – Acréscimo de despesas com marinheiros desembarcados devido ao elevado número de escalas de navios baleeiros.

DOCUMENTO 62 – Sobre o embarque de jovens nas ilhas e a questão do recrutamento militar.

DOCUMENTO 63 – Sobre o pagamento de abonos a marinheiros.

DOCUMENTO 64 – Sobre o movimento de importação e exportação entre o Faial e os E.U.A.

DOCUMENTO 65 – Sobre a situação da mão-de-obra no Faial e respectivos preços.

DOCUMENTO 66 – Sobre assistência hospitalar no Faial e seus encargos.

DOCUMENTO 67 – Sobre o decréscimo do comércio de importação e exportação com as ilhas.

DOCUMENTO 68 – Sobre o comércio, artesanato e emigração dos Açores.

DOCUMENTO 69 – Aumento do número de navios baleeiros e de marinheiros desembarcados.

DOCUMENTO 70 – Abandono da escala de Tenerife pelos navios da frota baleeira e acréscimo de marinheiros desembarcados nos Açores.

DOCUMENTO 71 – Situação do comércio e relevância da “pesca” à baleia a partir da terra. Baleeiros dos Açores na frota americana.

DOCUMENTO 72 – Sobre a área consular dos Açores e sua estrutura. Relevância da frota baleeira americana.

DOCUMENTO 73 – Situação de assistência aos marinheiros e decréscimo da actividade da frota baleeira americana.

DOCUMENTO 74 – Situação de afluência de marinheiros para repatriamento.

DOCUMENTO 75 – Um caso de alegado contrabando de tabaco praticado pela barca *Mary Frazier*.

DOCUMENTO 76 – Os sinais do declínio da actividade baleeira no Atlântico.

DOCUMENTO 77 – As razões determinantes para a deserção de marinheiros.

## TRANSCRIÇÕES

### DOCUMENTO 1

Correspondência de 12 de Fevereiro de 1834 remetendo lista de navios e de marinheiros desembarcados no Faial.

Original: IAC, *Correspondência dos Cônsules dos Estados Unidos nos Açores*, CD 1, Rolo 2, n.º 52

Consulado dos Estados Unidos nos Açores

Fayal, 12 de Fevereiro de 1834

Ilustríssimo Louis Mc Lane  
Secretário de Estado dos Estados Unidos  
Washington

Senhor,

Tenho a honra de remeter a lista do movimento da navegação neste Porto entre 30 de Junho e 31 de Dezembro, com o número 8 A e a lista de marinheiros desembarcados nesta ilha com o n.º 8 C, em vez da que foi enviada pelo brigue *Harbinger* de forma inexacta. Também remeto uma cópia da conta do Dr. Poet, dado recear que a que enviei seja idêntica a outra que guardo, na qual detectei uma omissão, embora não altere a soma da conta e, conseqüentemente, não se torna necessário alterar a Conta Geral.

Fico confiante que daqui em diante as listas seguirão de maneira mais cuidada.

Com os mais respeitosos cumprimentos.

Continuo ao dispor de V. Ex.a

Chas W Dabney

DOCUMENTO 2

Correspondência de 30 de Junho de 1834 remetendo lista de navios e dando conta da escala do navio *Waverly* em dificuldades.

Original: IAC, *Correspondência dos Cônsules dos Estados Unidos nos Açores*, CD1, Rolo 2, n.ºs 58 e 59

Consulado dos Estados Unidos nos Açores

Fayal, 30 de Junho de 1834

Ilustríssimo Louis Mc Lane  
Secretário de Estado dos Estados Unidos  
Washington

Senhor,

Tenho a honra de remeter a lista do movimento da navegação e das taxas consulares até esta data e informo que a 9 de Maio o navio *Waverly*, de New York, em viagem de Liverpool para New York, fez escala neste porto, prestes a afundar-se, transportando 195 passageiros de coberta e 14 de cabine. Este local não tem condições para alojar um tão grande número de pessoas, pelo que solicitei às autoridades um dos conventos recentemente deixados vagos, pedido a que logo amavelmente acederam, recusando qualquer compensação. Faço referência a estas circunstâncias para evidenciar a consideração de que gozamos. O navio foi reparado e prosseguiu viagem ao seu destino a 12 do corrente.

Com os mais respeitosos cumprimentos,

Seu humilde servidor

Chas W Dabney

DOCUMENTO 3

Correspondência de 8 de Março de 1837 sobre direitos de tonelagem.

Original: IAC, *Correspondência dos Cônsules dos Estados Unidos nos Açores*, CD1, Rolo 2, n.ºs 235 e 236

Consulado dos Estados Unidos nos Açores

Fayal, 8 de Março de 1837

Ilustríssimo John Forsyth  
Secretário de Estado dos Estados Unidos  
Washington

Senhor,

Pela primeira oportunidade que se oferece após o decreto de Sua Majestade sobre o estabelecimento de direitos de tonelagem, promulgados em 14 de Novembro passado, dirigi-me ao Senhor Kavanagh e fiz notar os inconvenientes que resultariam para os navios envolvidos na pesca à baleia e também àqueles que possam recorrer a estas ilhas em razão de algum percalço. Agora tenho a honra de informar que as autoridades locais receberam ordens para isentar as ilhas da aplicação do dito decreto. Em consequência, a nossa navegação continuará a gozar de condições como até agora, o que é razão de satisfação, com a excepção das embarcações que escalam este porto em dificuldades e que desembarquem a respectiva carga do que dei conta oportunamente, nomeadamente ao senhor Kavanagh.

Com a maior consideração e respeito

Seu humilde servidor,

Chas W Dabney

#### DOCUMENTO 4

Correspondência de 10 de Julho de 1837 remetendo listas com movimento de navios e de taxas.

Original: IAC, *Correspondência dos Cônsules dos Estados Unidos nos Açores*, CD1, Rolo 2, n.ºs 243 e 244

Consulado dos Estados Unidos nos Açores

Fayal, 10 de Julho de 1837

Ilustríssimo John Forsyth  
Secretário de Estado dos Estados Unidos  
Washington

Senhor,

Tenho nesta oportunidade a honra de remeter as listas do movimento de navegação e das taxas consulares do período entre 1 de Janeiro e 30 de Junho passado. A declaração das taxas foi elaborada na base das sugestões dadas numa comunicação que tive a honra de fazer no mês passado. Receio que as listas de S. Miguel não cheguem a tempo de seguir nesta altura.

Neste momento, Senhor, tenho o prazer de informar que recebi o meu “Exequatur” e confio em absoluto no meu irmão Frederick Dabney ao nomeá-lo para meu vice-cônsul e espero ter a V. concordância.

Com toda a consideração

Sempre ao dispor de V. Ex.a,

Cha.s W Dabney

## DOCUMENTO 5

Protesto registado pelo Cap. Frederick A. Stall.

Original: IAC, *Correspondência dos Cônsules dos Estados Unidos nos Açores*, CD1, Rolo 2, n.ºs 270 a 273

(Cópia)

Consulado dos Estados Unidos nos Açores

Por esta declaração notarial de Protesto, faz-se constar a todos os que a lerem e a quem possa interessar, que nesta data aos 12 de Setembro de 1837, perante mim, Frederick Dabney, vice-cônsul dos Estados Unidos nos Açores, compareceu presencialmente Frederick A. Stall, capitão do navio americano *Nile*, da praça de New Bedford, com 320 toneladas, conforme padrão americano, que faz as seguintes declarações: que tendo partido com o dito navio de New Bedford a 14 de Agosto passado, para uma viagem de pesca à baleia rumo ao Atlântico Sul e outras paragens, no dia seguinte Henry Treat desobedeceu ao imediato e agrediu-o. Nada de assinalar ocorreu depois disso até 4 de Setembro, altura em que chegou ao ancoradouro do Faial para abastecer de frescos. Que tendo concluído os seus negócios em terra foi para bordo do navio, sendo insultado por vários tripulantes na altura em que saltou para o convés. Que ao opor-se-lhes, responderam com blasfémias e impropérios, detendo então Henry Treat, que era o chefe do motim, para o prender, quando foi então esmurrado ficando a sangrar. Que pediu então apoio dos oficiais quando o referido Treat, juntamente com John Hall, Thomas [Orwitt], Jacob Waters e Warren Baker, atacaram o imediato e o agrediram violentamente. Pediu então as suas armas e ameaçou fazer fogo sobre eles. Não se deixaram intimidar pelas ameaças e avançaram em frente, altura em que Jacob Waters, com a ajuda de John Hall, agarrou as lanças de cortar toucinho dos seus suportes, preparando-se para as usar. Conseguiu então intimidá-los com as pistolas. Que então, para evitar que assassinassem o seu imediato, foi forçado a prendê-los nos porões sob vigia [postada no acesso] durante a noite inteira. Na manhã seguinte pairou de novo no ancoradouro do Faial e os cinco referidos marinheiros recusaram-se a trabalhar ou a ir para terra. Que conseguiu então que uma tripulação de um bote fosse a terra pedir assistência, tendo o cônsul americano enviado guardas que levaram os ditos Henry Treat, John Hall, Thomas [Orwitt], Jacob Waters e Warren Baker, conduzindo-os para terra e prendendo-os no castelo. Que é de opinião que é do interesse de todas as partes que os referidos marinheiros sejam desembarcados neste porto, embarcando-se outros em seu lugar.

O referido Frederick A. Stall pede-me que registre o seu Protesto como o faz solenemente contra os referidos Henry Treat, John Hall, Thomas [Orwitt], Jacob Waters e Warren Baker acima mencionados pela insubordinação e motim por eles causados como responsáveis o que colocou em perigo a segurança do referido navio, tornando indispensável, por motivos de segurança, e no interesse de todos os envolvidos,

desembarcar os referidos homens de bordo do navio e também por todas as perdas, custos e prejuízos que possam ter tido lugar ou que possam resultar em consequência. E tudo é declarado sob juramento pelo dito Frederick A. Stall, capitão, John P. Brayton, imediato, Thomas H. Smith segundo oficial, e Rodolphus Slocum, Charles Johnson e Daniel J. Chase, marinheiros do dito navio.

(Assinado) Frederick A. Stall  
John E. Brayton  
Thomas H. Smith  
Rodolphus Slocum  
Charles Johnson  
Daniel J. Chase

E eu, abaixo-assinado, Cônsul dos Estados Unidos nos Açores, certifico que as declarações que antecedem são cópia autêntica do original arquivado neste consulado.

Como testemunha o exarei e leva o selo oficial do Faial aos 31 dias de Dezembro de 1837.

(Assinado) Ch.s W. Dabney

Aos 31 dias de Dezembro de 1837

(Assinado) Dabney

Selo

## DOCUMENTO 6

Prisão de um tripulante de navio baleeiro e seu repatriamento.

Original: IAC, *Correspondência dos Cônsules dos Estados Unidos nos Açores*, CD1, Rolo2, n.ºs 314 e 315

Consulado dos Estados Unidos nos Açores

Fayal, 29 de Agosto de 1838

Ilustríssimo John Forsyth  
Secretário de Estado dos Estados Unidos  
Washington

Senhor,

Lamento ter de informar V. Ex.a que a 12 do corrente se tornou necessário prender James Thompson, trancador de um bote a bordo do Brigue *Charleston Packet*, da praça de New Bedford, capitão Freeman Daggett, para ser repatriado para julgamento. Remeto neste momento uma cópia do Protesto do capitão Daggett e também uma cópia da minha carta dirigida ao Chefe da Polícia de Boston ao qual envio cópia do Protesto com os depoimentos sobre o caso.

No dia 23 do corrente tive o prazer de receber o despacho de V. Ex.a datado de 26 de Março e peço que permita manifestar-lhe, Senhor, que sinto uma enorme gratidão face à sua amabilidade relativamente ao meu pedido.

Com a maior consideração,

Cha.s W Dabney

DOCUMENTO 7

Sobre a acumulação de marinheiros a cargo do consulado no Faial e seu repatriamento.

Original: IAC, *Correspondência dos Cônsules dos Estados Unidos nos Açores*, CD1, Rolo2, n.º 326

Consulado dos Estados Unidos nos Açores

Fayal, 31 de Agosto de 1838

Ilustríssimo John Forsyth  
Secretário de Estado dos Estados Unidos  
Washington

Senhor,

Tendo um número considerável de marinheiros incapacitados, desembarcados de navios baleeiros, enviei vinte e quatro a bordo do brigue *Harbinger*, de Boston, capitão Brown, pelo que entreguei ao mesmo um certificado dando garantia de pagamento de 764 dólares. Permanecem aqui uns quantos demasiado doentes para poderem embarcar.

Com consideração,

Seu humilde servidor,

Cha.s W Dabney

Uma vez que a Alfândega está encerrada, remeto certificado dos cônsules de Inglaterra e de França, atestando não existirem embarcações neste porto, de partida para os Estados Unidos.

DOCUMENTO 8

Correspondência de 5 de Janeiro de 1839 remetendo mapas de taxas e contas consulares.

Original: IAC, *Correspondência dos Cônsules dos Estados Unidos nos Açores*, CD1, Rolo2, n.º 341

Consulado dos Estados Unidos nos Açores

Fayal, 5 de Janeiro de 1839

Ilustríssimo John Forsyth

Secretário de Estado dos Estados Unidos  
Washington

Senhor,

Tenho a honra de remeter as listas do movimento de navegação do período de 30 de Junho a 31 de Dezembro passado, bem como a declaração das taxas consulares relativas ao mesmo período. Também envio a conta corrente deste consulado com o Governo dos Estados Unidos, apresentando um saldo a meu favor, referido a 31 de Dezembro, no montante de 633 dólares e 30 cêntimos, que saquei a 60 dias a favor da firma A. & C. Cunningham, de Boston, confiando que estará correcta.

Desde a última oportunidade em que me dirigi a V. Ex.a, nada que seja merecedor de referência ocorreu aqui.

Com a mais elevada consideração e respeito

Seu humilde servidor,

Cha.s W Dabney

#### DOCUMENTO 9

Condenação de um navio no porto da Horta por incapacidade.

Original: IAC, *Correspondência dos Cônsules dos Estados Unidos nos Açores*, CD1,  
Rolo 2, n.º 364

Consulado dos Estados Unidos nos Açores

Fayal, 10 de Maio de 1839

Ilustríssimo John Forsyth  
Secretário de Estado dos Estados Unidos  
Washington

Senhor,

Tenho a honra de informar que o brigue *Mercator*, da praça de New York, foi condenado neste porto por ter sido dado incapaz de navegar e remeto junto o registo e lista de tripulação do referido navio.

Com a mais elevada consideração,

Seu humilde servidor,

Cha.s W Dabney

DOCUMENTO 10

Correspondência de 24 de Agosto de 1841 com reconhecimento por assistência.

Original: IAC, *Correspondência dos Cônsules dos Estados Unidos nos Açores*, CD1,  
Rolo 2, n.º 511

Consulado dos Estados Unidos nos Açores

Fayal, 24 de Agosto de 1841

Ilustríssimo Daniel Webster  
Secretário de Estado dos Estados Unidos  
Washington

Senhor,

Tenho a honra de submeter à apreciação de V. Ex.a a tradução anexa de uma carta dirigida por mim ao Senhor Francisco Soares Franco Jr., capitão da corveta de S.M.F. *Dom João I*.

O modo tão pronto como prestou a assistência é muito digna de crédito em seu favor e tornam-no merecedor de gratidão e reconhecimento que, como confio, V. Ex.a sancionará.

Com a mais elevada consideração,

Seu humilde servidor,

Cha.s W Dabney

DOCUMENTO 11

Correspondência administrativa e gozo de licença.

Original: IAC, *Correspondência dos Cônsules dos Estados Unidos nos Açores*, CD1,  
Rolo 3, n.º 30

Consulado dos Estados Unidos nos Açores

Fayal, 6 de Janeiro de 1842

Ilustríssimo Daniel Webster  
Secretário de Estado dos Estados Unidos  
Washington

Senhor,

Tenho a honra de acusar a recepção da circular de V. Ex.a datada de 17 de Novembro e pode contar com a informação solicitada tão depressa seja obtida da Alfândega. Também recebi as comunicações datadas de 1 de Outubro e de 27 de Novembro que acompanhavam os diplomas da primeira sessão do 27º Congresso. Permita V. Ex.,a que agradeça a concessão de licença para me ausentar e manifesto a maior consideração e respeito.

Seu humilde servidor,

Cha.s W Dabney

## DOCUMENTO 12

Relatório sobre a situação da economia, sobre encargos portuários e equivalências.

Original: IAC, *Correspondência dos Cônsules dos Estados Unidos nos Açores*, CD1, Rolo 3, n.ºs 34 a 37

Consulado dos Estados Unidos nos Açores

Fayal, 3 de Março de 1842

Ilustríssimo Daniel Webster  
Secretário de Estado dos Estados Unidos  
Washington

Senhor,

Tenho a honra de levar ao conhecimento de V. Ex.a a informação pedida na circular de 17 de Novembro passado.

O valor das produções dos Estados Unidos importadas por estas ilhas ao longo de 1838, pode estimar-se em 16.224 dólares e os direitos atingiram 2.463 dólares. As importações para o ano de 1839 podem estimar-se em 14.163 dólares e os direitos atingiram 2.264 dólares. As importações do ano de 1840 terão alcançado 13.386 dólares e os respectivos direitos ascenderam a 2.488 dólares. Junto receba V. Ex.a a Pauta de Direitos em vigor, entretanto com alterações, pelo que alguns artigos já aumentaram.

Ao primeiro questionário cumpre informar que as disposições do tratado têm sido observadas nestas ilhas. Ao segundo, as relações comerciais com estas ilhas com países estrangeiros são reguladas pelo Governo de Lisboa. Ao terceiro, as relações comerciais dos Estados Unidos gozam de idênticas facilidades, ou mesmo mais favoráveis, do que outro qualquer país.

Taxas portuárias e de saúde	5\$00
Alfândega	8.50
Patrão Mor	1.20
Taxa do governo 1\$60    Capitão do porto 2\$	3.60
Taxa camarária	.14

As mesmas taxas são aplicadas aos navios portugueses com excepção da taxa de intérprete que está incluída nas que acima se referem à saúde e alfândega. Ao quinto, que tem a ver com a carga que é desembarcada de um navio que tenha sido despachada no porto da sua partida para um porto que não se encontre sob soberania portuguesa, preenchendo a necessária declaração na altura da descarga em que é permitido transbordo ao abrigo de um direito de exportação regulado pela Pauta geral e sem distinção de bandeira. Ao sexto, a moeda desta região difere da que vigora no continente, sendo o dólar equivalente a Mil réis e a moeda espanhola de prata, exceptuando os quartos de dólar, implica um valor adicional de vinte por cento, por disposição governamental; a libra pesa cerca\* de um por cento mais que a dos Estados Unidos; que a medida para os grãos é o “alqueire” e dois e meio equivalem a um “bushel de Winchester”; a medida do sal é quarenta por cento maior e os líquidos são medidos em “canadas”, em que oito perfazem 5 galões.

Permita Senhor, chamar a V. atenção para uma regra inadmissível que aqui vigora, que é a de se exigir o pagamento de direitos por inteiro pela carga de um navio nas situações em que está despachado para este porto, mas em que nenhuma parte da carga tem a ver com este mercado e em que nunca se tenha pretendido desembarcá-la aqui. Esta exigência injusta tem sido a razão de grandes conflitos e, sem qualquer dúvida, deveria ser abolida sem qualquer dificuldade submetendo a questão ao governo português. Já decorreu algum tempo desde que ocorreu um caso desta natureza, requerendo a minha intervenção junto do governo para a questão, desde que o Governo Constitucional foi estabelecido.

Com a maior consideração,

Seu humilde servidor,

Cha.s W Dabney

\* A libra – uma arroba corresponde a 32 – um quintal 128 libras.

### DOCUMENTO 13

Relatório sobre a economia da ilha, preços, salários, equivalências e prática de comércio por permuta.

Original: IAC, *Correspondência dos Cônsules dos Estados Unidos nos Açores*, CD1, Rolo 3, n.ºs 67 e 68

Consulado dos Estados Unidos nos Açores

Fayal, 12 de Dezembro de 1842

Ilustríssimo Daniel Webster  
Secretário de Estado dos Estados Unidos  
Washington

Senhor,

Em conformidade com a circular de 6 de Setembro passado, tenho a honra de informar que os únicos artigos de exportação destas ilhas para o estrangeiro, são o vinho e fruta fresca (laranjas e limões). O preço do primeiro oscila entre 20 e 40 dólares por pipa de 110 galões. A época de embarque para a laranja vai de Novembro a Abril, mas em resultado de uma seca excessiva no ano de 1841, muitas laranjeiras perderam a fruta e a folha e quando chegou o Outono floresceram mas a fruta foi de qualidade muito ordinária e alguma foi embarcada em Julho, Agosto e Setembro, vendida à razão de 60 cêntimos por caixa siciliana. Os limões das ilhas são de qualidade inferior e valem aproximadamente o mesmo preço de 60 cêntimos por caixa siciliana. Geralmente, a venda de artigos daqui faz-se a bordo, cobrindo naturalmente os encargos de embarque. Os seguros daqui para os Estados Unidos rondam de um a um e meio por cento. A tarifa de carga daqui para os Estados Unidos é de cerca de cinco a dez dólares por tonelada. As comissões por compra e venda são de cinco por cento. Os embarques fazem-se geralmente por artigos recebidos em permuta, ou por conta do carregador. Os meios dólares americanos são trocados por quinhentos réis e o câmbio é equivalente a uma taxa baseada nesta relação.

Os carpinteiros de construção civil e naval ganham de quarenta a cinquenta cêntimos por dia. Os pedreiros ganham de trinta a quarenta cêntimos. Os ferreiros de quarenta a cinquenta cêntimos. Os sapateiros de vinte a quarenta cêntimos. Os alfaiates de vinte a quarenta cêntimos e as outras artes mecânicas em proporção.

Os trabalhadores do campo ganham de dez a dezasseis cêntimos por dia. Os carregadores de cargas pesadas vinte cêntimos por dia. Os trabalhadores a bordo dos navios, na estiva, cinquenta e seis cêntimos por dia. Os barqueiros de trinta a cinquenta cêntimos. Dos referidos acima que sejam marinheiros ganham oito dólares por mês. Os pesos aqui variam pouco em relação aos dos Estados Unidos a ponto de não haver qualquer reparo. O “bushel” (Winchester) equivale a dez alqueires e meio. Quatro galões correspondem a oito canadas. Será interessante saber que estas ilhas produzem grande quantidade de cereais e como gozam de uma protecção exclusiva, os excedentes são todos exportados para Portugal.

Com a mais elevada consideração e respeito,

Seu humilde servidor,

Chas W Dabney

#### DOCUMENTO 14

Correspondência de 20 de Novembro de 1847 sobre repatriamento de marinheiros, condições de transporte e consequências sociais da sua permanência.

Original: IAC, *Correspondência dos Cônsules dos Estados Unidos nos Açores*, CD1, Rolo 3, n.ºs 297 e 298

Consulado dos Estados Unidos  
Faial

Fayal, 20 de Novembro de 1847

Ilustríssimo James Buchanan  
Secretário de Estado dos Estados Unidos  
Washington

Senhor,

Tenho a honra de acusar a recepção do despacho de 30 de Setembro passado informando-me que a lei do Congresso aprovada a 22 de Fevereiro e emendada a 2 de Março de 1847, não se aplica aos marinheiros repatriados pelos cônsules. Esta decisão causa-me a maior satisfação na medida em que encurtará a estadia e reduzirá as despesas dos que ficam a cargo do consulado. O único navio que partiu para os Estados Unidos desde os meus últimos relatórios foi a barca [*Ehusan*] que largou para Boston a 10 do corrente. Tinha feito as diligências para repatriar os marinheiros naquele navio e já tinha mandado a madeira para bordo para os arranjos necessários para acomodação de 20 homens, quando o capitão descobriu que o seu certificado exceptuava o convés e que ele não tinha autoridade para fazer adaptações para levar passageiros, pelo que me foi possível mandar apenas os quatro que o navio tinha obrigação de levar de acordo com as suas características. Isto foi uma grande contrariedade para mim, uma vez que o brigue *Harbinger* é o único navio em que, de momento, podemos confiar para transportar aqueles homens e que está para carregar fruta a qual será prejudicada pelo calor causado por eles.

Um tão grande número de gente ociosa (alguns permanecem aqui há quatro meses e muitos deles são indivíduos dissolutos e de má conduta) tem causado grande incómodo nesta comunidade, apesar de todas as diligências para os manter na ordem, pelo que o dia da sua partida é visto antecipadamente com grande ansiedade.

Aproveito esta oportunidade para remeter o Registo e a Lista de Tripulantes do navio baleeiro *Atlantic*, da praça de Mystic o qual, infelizmente, naufragou nesta ilha no dia 23 de Setembro passado.

Com a mais elevada consideração e respeito

Seu humilde servidor,

Cha.s W Dabney

DOCUMENTO 15

Apoio a navio francês desarvorado.

Original: IAC, *Correspondência dos Cônsules dos Estados Unidos nos Açores*, CD1,  
Rolo 3, n.º 311

Consulado dos Estados Unidos

Faial

Fayal, 14 de Outubro de 1848

Ilustríssimo James Buchanan  
Secretário de Estado dos Estados Unidos  
Washington

Senhor,

Tenho a honra de informar que no dia 7 do corrente o navio de abastecimento americano *Eric* escalou este porto em viagem de New York para a Madeira. O objectivo do Capitão Mc. Blair's ao parar aqui foi o de acompanhar o navio francês *Mannett*, de Havre, o qual, no dia 2 do corrente, ficou desarvorado e sem condições de navegar. O capitão Mc. Blair forneceu-se de vergas, velas e provisões e com a sua assistência foi-lhe possível chegar a este porto.

O *Eric* ficou aqui três dias devido ao tempo adverso e voltou a partir rumo ao seu destino no dia 10 do corrente.

Com elevada consideração e respeito,

Vosso humilde servo,

Fredk. L. Dabney  
Pp Cha.s W Dabney

#### DOCUMENTO 16

Sobre a morte de marinheiros no Faial, desertores e repatriamento.

Original: IAC, *Correspondência dos Cônsules dos Estados Unidos nos Açores*, CD1,  
Rolo 3, n.ºs 313 e 314

Consulado dos Estados Unidos  
Faial

Fayal, 20 de Outubro de 1848

Ilustríssimo James Buchanan  
Secretário de Estado dos Estados Unidos  
Washington

Senhor,

Tenho a honra de informar que Joseph E. Morales, espanhol por nascimento, desembarcou do navio *Dartmouth*, de New Bedford, e assistido como cidadão americano, morreu no hospital desta ilha a 29 de Julho passado.

W.m H. Muliken, de Lynn, Mass.tts, desembarcou da barca *Barclay*, da praça de Westport, e faleceu no hospital no passado dia 11 de Agosto.

John Owen Bowers, nascido em Inglaterra, desembarcou da barca *Catherwood*, de Westport, tendo sido assistido como cidadão americano e morreu no hospital no dia 25 de Agosto. A presente correspondência segue pelo brigue *Harbinger* com destino a Boston e neste navio também envio todos os marinheiros que estão em condições de embarcar, mais quatro fugitivos. Para as passagens dos últimos cobrei, como é habitual, apenas quinze dólares o que apenas cobre as provisões.

Na presente época, tem-se verificado aqui grande número de desertores, apesar dos meus esforços para os manter presos antes de embarcarem nos respectivos navios. Libertei-me de alguns sem encargo para o governo, no navio de abastecimento *Eric*.

No que respeita às passagens, não me foi possível mandar oito sem encargos para o governo dos Estados Unidos.

Com o maior respeito e consideração,

Vosso humilde servo,

Fredk L. Dabney  
pp. Cha.s W Dabney

#### DOCUMENTO 17

Correspondência sobre uma erupção submarina.

Original: IAC, *Correspondência dos Cônsules dos Estados Unidos nos Açores*, CD1,  
Rolo 3, n.º 321

Consulado dos Estados Unidos  
Faial

Fayal, 6 de Janeiro de 1849

Ilustríssimo James Buchanan  
Secretário de Estado dos Estados Unidos  
Washington

Senhor,

Tenho a honra de informar que acabo de tomar conhecimento que foi descoberto um baixio entre as ilhas de S. Miguel e a Terceira na Lat. 38° 18' e Long. 26° 50'. Foi avistado por Victorino Joaquim Falcão, capitão da escuna portuguesa *Três Amigos*, estando próximo um brigue americano nessa ocasião quando o mar, segundo dizem, irrompeu violentamente tendo o brigue de se afastar para o evitar.

As ilhas de S. Miguel e Terceira foram abaladas por tremores de terra em Novembro e começo de Dezembro e o sucedido pode ser o resultado de alguma erupção vulcânica. É possível que se trate do casco de algum navio submerso.

Com a mais elevada consideração,

Vosso humilde servo,

Cha.s W Dabney

DOCUMENTO 18

Descoberta de um baixio.

Original: IAC, *Correspondência dos Cônsules dos Estados Unidos nos Açores*, CD1,  
Rolo 3, n.º 347

Consulado dos Estados Unidos  
Faial

Fayal, 20 de Fevereiro de 1849  
Ilustríssimo James Buchanan  
Secretário de Estado dos Estados Unidos  
Washington

Senhor,

Tendo informado na minha carta de 16 do passado mês que se esperava ter sido descoberto um baixio na Lat. 38° 18' e Long. 26° 50', tenho agora o prazer de informar que o Sr. Hunt, cônsul britânico, dirigiu uma carta ao Governador de S. Miguel afirmando ter proposto aos capitães das escunas *Prospero* e *Aeolus* para se deslocarem e examinarem o local relatado onde teria sido encontrado um baixio, tendo eles concordado. Ao voltarem declararam ter feito uma observação cuidada do local mas não viram qualquer baixio. Como se trata de informação importante para os homens do mar, apresso-me a comunicá-la para seu proveito.  
Com a mais elevada consideração e respeito,

Vosso humilde servo,

Cha.s W Dabney

DOCUMENTO 19

Sobre a deserção de marinheiros dos navios baleeiros.

Original: IAC, *Correspondência dos Cônsules dos Estados Unidos nos Açores*, CD1,  
Rolo 3, n.ºs 368 e 369

Consulado dos Estados Unidos  
Faial

Fayal, 16 de Novembro de 1849

Ilustríssimo I. M. Clayton  
Secretário de Estado dos Estados Unidos  
Washington

Senhor,

Tenho a honra de acusar a recepção das circulares de 16 de Junho e de 22 de Agosto passados, a primeira a 14 e a última a 9 do corrente, cujo conteúdo merecerá a minha particular atenção.

Se existe alguma classe de desertores que possa justificar-se é o caso do infeliz desembarcado que foi aliciado por um qualquer agente a matricular-se numa viagem de pesca à baleia de três ou quatro anos de duração.

Esta praticamente a única circunstância sob a qual as deserções sucedem nestas ilhas. Claro que discordo destas violações de contrato e ofereço recompensas para a sua prisão, mas as embarcações raramente lançam âncora o que nos impede de as localizar a tempo, pelo que não os podemos deixar morrer à fome e forneço-lhes de comer e de beber e um abrigo, com a condição de embarcarem noutra navio, no caso de surgir uma oportunidade. Nalguns casos tenho conseguido arranjar-lhes ocupação, mas a maioria dos capitães recusam desertores.

Caso V. estivesse familiarizado com estas situações, não me parece que fosse do seu agrado dar-lhe tantos pormenores, como é o caso.

Pelo brigue *Harbinger* envio marinheiros incapacitados, tantos quanto foi possível embarcar. Ficam 15 para seguir depois.

Com a mais elevada consideração e respeito,

Vosso humilde servidor,

Chas W Dabney

#### DOCUMENTO 20

Protesto registado pelo Cap. Thomas H. Norton por motivo de fogo posto a bordo de navio.

Original: IAC, *Correspondência dos Cônsules dos Estados Unidos nos Açores*, CD1, Rolo 3, n.ºs 392 e 393

Doc. Rolo 3, n.ºs 392 e 393

Consulado dos Estados Unidos  
Faial

Por esta declaração notarial de Protesto declara-se a quem o assunto possa interessar que neste dia 3 de Outubro de 1848, perante mim Frederick Dabney Vice-Cônsul dos Estados Unidos nos Açores, compareceu presencialmente Thomas H. Norton capitão do navio baleeiro *Monkar*, da praça de New Bedford, com trezentas e setenta e uma toneladas de arqueação segundo padrão americano, que declarou o seguinte sob

juramento: que estando em curso uma viagem de pesca à baleia, escalou a ilha das Flores para obter frescos; que durante a sua ida a terra, deram com fogo a bordo do navio e a tripulação de forma providencial teve a possibilidade de o extinguir antes que progredisse. Que após ter investigado, três dos tripulantes de nome George E Green, Harry Leeff e John Coltor confessaram ter causado o incêndio de forma intencional, sendo então postos a ferros e trazidos a este porto e desembarcados. É vontade do dito capitão registar este Protesto pelo qual deseja solenemente protestar contra os homens acima designados, assim como contra quaisquer outros que possam ter contribuído para os danos, encargos e prejuízos que tenham resultado ou possam vir a resultar da referida tentativa.

Tudo feito sob juramento por ser verdade e assinado pelo dito Thomas H. Norton, capitão, James B. Snow, segundo oficial, John Kingsland, trancador e William [Hennessey] marinheiro do dito navio.

Assina	Thomas H. Norton
“	James B. Snow
“	John Kingsland
“	William [Hennessey]

E eu abaixo-assinado cônsul dos Estados Unidos nos Açores, certifico que as declarações que antecedem são cópia autêntica do original registado no meu escritório. Confirmado pelo meu punho e com o selo oficial no Faial a 6 de Outubro de 1848.

Fredk. L. Dabney  
PP. Cha.s W Dabney

## DOCUMENTO 21

Divergências sobre o pagamento de abonos pelo consulado a marinheiros desembarcados.

Original: IAC, *Correspondência dos Cônsules dos Estados Unidos nos Açores*, CD1, Rolo 4, n.ºs 91 a 93

Departamento de Estado  
Washington. 2 de Junho de 1852

Ao Ilustre J. J. Crittenden  
Procurador Geral dos Estados Unidos

Senhor,

Tenho a honra de junto remeter cópias de três cartas endereçadas por S. G. Thomas e Frederic W. Sawyer ao Departamento, bem como uma cópia de uma carta em resposta à primeira das comunicações do Senhor Sawyer sobre uma reclamação formulada por certos marinheiros relativamente aos dois meses de salário extraordinário, entregues no consulado do Faial na ocasião em que foram desembarcados de navios americanos.

Sucedde que alguns marinheiros foram desembarcados no Faial e que, nos termos da lei de 28 de Fevereiro de 1803, sobre a protecção a prestar aos marinheiros americanos, três meses de salário extra foi pago ao cônsul por cada um deles. Ao permanecerem no Faial por tempo considerável, a cargo do consulado, foram posteriormente repatriados pelo cônsul dos Estados Unidos, como passageiros com pagamento de passagens caras. Muito embora as despesas a que o Governo ficou sujeito tenham excedido em muito o montante dos salários extra pagos ao cônsul por cada um, apresentam queixa contra o cônsul por dois meses de salários extra.

Tem sido até ao presente prática da 5.<sup>a</sup> Auditoria, aprovada pelo Departamento, não considerar incapacitado qualquer marinheiro na posse dos dois meses de pagamento extra. De igual modo, para permitir o pagamento de quaisquer despesas que o Governo tenha de suportar por assistência médica, alojamento ou custos de passagens para os Estados Unidos, com o dinheiro na posse do cônsul à conta dos três meses de pagamento depositados na altura do desembarque de tais marinheiros.

Esta formulação da lei é contestada como estando correcta e contrapõe-se que o pagamento dos dois meses tem de ser feito aos marinheiros quando são repatriados, ainda que possam ter estado, entretanto, sob a responsabilidade do consulado.

O Departamento terá a maior satisfação em receber a V. opinião sobre a formulação adequada a dar à lei em casos desta natureza e que agora sucedem com frequência.

Com o maior respeito,

Vosso humilde servidor,

## DOCUMENTO 22

Correspondência de 6 de Julho de 1854 remetendo mapas de movimento de navios e de taxas. Informação sobre o ataque das vinhas pelo oídio.

Original: IAC, *Correspondência dos Cônsules dos Estados Unidos nos Açores*, CD1, Rolo 4, n.º 192

Consulado dos Estados Unidos  
Faial

Fayal, 6 de Julho de 1854

Ilustríssimo W.L. Marcy  
Secretário de Estado dos Estados Unidos  
Washington

Senhor,

Tenho a honra de remeter as listas do movimento de navegação e das taxas consulares de 31 de Dezembro a 30 do passado mês, bem como a conta-corrente do consulado com o Governo dos Estados Unidos, no mesmo período, apresentando um saldo a meu favor de quatrocentos e cinquenta e sete dólares e noventa e dois cêntimos, valor que saquei

sobre V. a 30 dias de vista a favor da firma Dabney & Cunningham, ficando confiante que tudo estará em ordem.

As vinhas nestas ilhas foram todas atacadas pelo *oidium*, o que é uma verdadeira calamidade e ninguém pode prever a miséria que trará em consequência, caso continue. Quero agradecer o envio da mensagem do Presidente na abertura do Congresso.

Com a mais elevada consideração e respeito,

Vosso humilde servidor,

Chas W Dabney

## DOCUMENTO 23

Sobre o funcionamento do consulado na ilha do Faial.

Original: IAC, *Correspondência dos Cônsules dos Estados Unidos nos Açores*, CD1, Rolo 4, n.ºs 316 a 318

Consulado dos Estados Unidos  
Faial

Fayal, 4 de Janeiro de 1856

Ilustríssimo W. L. Marcy  
Secretário de Estado dos Estados Unidos  
Washington

Senhor,

Seja-me permitido chamar a V. atenção para as seguintes circunstâncias. Esta ilha reúne condições para receber a escala de navios, em muitos casos mesmo de modo imprevisto, podendo isso acontecer após as 16.00 horas, partindo na mesma tarde. Por vezes decorrem meses sem qualquer chegada, mas é necessário ter sempre alguém atento para prevenir qualquer inconveniente, e além destas circunstâncias acontece que uma boa parte da gente importante deste lugar passa geralmente os meses de Verão na vizinha ilha do Pico onde veraneiam e se dedicam a fazer o seu próprio vinho. Como também tenho ali vinhas, parte da minha família passa ali a época de Verão, sendo desejável dispor de um maior número de pessoas autorizadas a tratar de documentação, do que em circunstâncias normais.

Tinha proposto a nomeação de Frederick Dabney para meu substituto nas ilhas e J. P. Dabney para o Faial e as suas assinaturas e selos foram remetidos para o Departamento a 22 de Março de 1834. Porém, de acordo com lista recente, verifico que este nome foi omitido. Se não fosse exigir demasiado, gostaria de pedir o favor de considerar John P. Dabney e Samuel W. Dabney para efeitos de autorização para legalizarem documentação sob minha responsabilidade.

Com a mais elevada consideração e respeito

Vosso humilde servidor,

Ch.s W. Dabney

O Faial, S. Miguel e a Terceira são os únicos portos de entrada mas os navios escalam as outras ilhas sem lançar âncora, havendo além do mais a possibilidade de naufrágio nessas ilhas. Tenho agentes nessas ilhas, a saber: António Xavier da Silveira para as Flores e Corvo, António da Cunha S. Bettencourt, na Graciosa, António Miguel da S.a Raminha em S. Jorge e António de Bettencourt Cardoso Machado na parte leste do Pico. S.ta Maria é uma extensão de S. Miguel.

#### DOCUMENTO 24

Sobre a morte de um marinheiro na Austrália e suas disposições testamentárias.

Original: IAC, *Correspondência dos Cônsules dos Estados Unidos nos Açores*, CD1, Rolo 4, n.ºs 325 e 326

Consulado dos Estados Unidos  
Faial

Fayal, 10 de Fevereiro de 1856

Ilustríssimo J. A. Thomas  
Secretário de Estado Adjunto dos Estados Unidos  
Washington

Senhor,

Tenho a honra de acusar a recepção do despacho de 8 de Janeiro passado, que acompanhava uma transcrição do despacho do cônsul americano em Sidney sobre a morte de José António e ainda um memorando com as suas últimas vontades relativamente aos seus bens. O resultado da V. amabilidade e também da parte do Senhor Williams, estou certo, suavizarão bastante o desgosto da viúva e da mãe de José António.

As informações que tinha para poder identificar os interessados eram muito vagas, mas felizmente encontrei uma pessoa (um natural das Flores) que conhecia o pai e a mãe e a associação dos dois nomes permitiu a identificação, muito embora, antes de fazer qualquer comunicação à mãe (o pai já morreu há uns cinco anos) pensei ser melhor assegurar-me junto do capitão Wilcox o que fora feito da sua parte no produto do óleo.

Com o maior respeito,

Vosso humilde servo,

Ch.s W Dabney

## DOCUMENTO 25

Estatísticas do movimento de navios e de taxas. Informação sobre a situação da vinha e da colheita de citrinos.

Original: IAC, *Correspondência dos Cônsules dos Estados Unidos nos Açores*, CD1, Rolo 4, n.ºs 422 e 423

Consulado dos Estados Unidos  
Faial

Fayal, 3 de Abril de 1857

Ilustríssimo W. L. Marcy  
Secretário de Estado dos Estados Unidos  
Washington

Senhor,

Junto as listas do movimento de navegação e lamento não me ser possível anunciar qualquer melhoria no comércio entre os Açores e os Estados Unidos.

A vindima de 1855-56 foi muitíssimo prejudicada pelo *oidium*, tanto no que respeita à quantidade produzida, como à qualidade, de tal modo que nada foi exportado e a produção ainda existente de anteriores anos vinícolas é por demais diminuta.

Da ilha de S. Miguel exportou-se nesta última época, agora a terminar, qualquer coisa como trezentas mil caixas sicilianas de laranja; cerca de quarenta mil da Terceira e cerca de cinco mil desta ilha, e de toda esta quantidade apenas umas mil e quinhentas caixas foram exportadas para os Estados Unidos. Os embarques tem-se processado em maior escala, mas os resultados não têm sido favoráveis e os navios têm sido obrigados a enfrentar, de forma quase permanente, borrascas e ventos contrários, sendo a fruta de natureza mais deteriorável do que a de Espanha e Portugal.

A importação de cereais [?] o valor das importações, mas isso será muito accidental e os seus portos serão fechados tão depressa as circunstâncias permitam.

Com a mais elevada consideração,

Vosso humilde servidor,

Cha.s W Dabney

## DOCUMENTO 26

Situação das culturas da vinha, cereais e batata. Perspectivas de emigração.

Original: IAC, *Correspondência dos Cônsules dos Estados Unidos nos Açores*, CD1,  
Rolo 5, n.º 118

Consulado dos Estados Unidos  
Faial

Fayal, 3 de Janeiro de 1859

Ilustríssimo John Appleton  
Secretário de Estado Adjunto dos Estados Unidos  
Washington

Senhor,

Lamentando profundamente, informo ter-se verificado a perda total da vindima de 1858 em resultado da acção continuada do *oidium* e também do mau tempo, tendo sido destruída ainda três quartos da colheita da batata e um quarto da colheita do milho desta região. A miséria que esta calamidade causa é inquestionável e muita da gente pobre será obrigada a emigrar uma vez que a fome do último ano esgotou os seus recursos.

Com a mais elevada consideração e respeito,

Vosso humilde servidor,

Cha.s W Dabney

#### DOCUMENTO 27

Sobre a situação da agricultura. Informação sobre a produção de cereais, vinho e citrinos.

Original: IAC, *Correspondência dos Cônsules dos Estados Unidos nos Açores*, CD1,  
Rolo 5, n.º 231

Consulado dos Estados Unidos  
Faial

Fayal, 20 de Janeiro de 1860

Ilustríssimo Lewis Cass  
Secretário de Estado dos Estados Unidos  
Washington

Senhor,

As listas do movimento de navegação e das taxas e a conta deste consulado até 31 do mês passado seguem junto, pelo que saquei a 15 dias de vista a favor da firma Dabney

& Cunningham o montante de 2.811\$86, valor do saldo a meu favor, confiando que tudo se encontre em ordem.

A produção conjunta da colheita de cereais destas ilhas no ano passado está acima da média. A produção das vinhas ficou, uma vez mais, em nada, devido ao *oidium*. A colheita da laranja foi muito abundante em S. Miguel. A quantidade está estimada à volta de 690.000, seiscentas e noventa mil caixas sicilianas. A caixa siciliana é referida apenas para dar uma ideia da quantidade e posso dizer que 96 % é exportada para Inglaterra, na maioria em caixas com o triplo da capacidade. A Terceira teve uma produção que se estima em 120.000 caixas e aqui, nesta ilha, cerca de 20.000. Nem um carregamento de laranja se exportou de S. Miguel para os Estados Unidos e da Terceira apenas um e dois desta ilha nesta época.

Com o maior respeito,

Vosso humilde servidor,

Ch.s W Dabney

## DOCUMENTO 28

Sobre transporte clandestino em navios americanos.

Original: IAC, *Correspondência dos Cônsules dos Estados Unidos nos Açores*, CD1, Rolo 5, n.ºs 272 e 273

Consulado dos Estados Unidos  
Faial

Fayal, 21 de Agosto de 1860

Ilustríssimo Lewis Cass  
Secretário de Estado dos Estados Unidos  
Washington

Senhor,

Tenho a honra de junto remeter uma queixa de Sua Excelência o Governador Civil do Distrito de Angra do Heroísmo, José Maria da Silva, contra o capitão Harding da escuna *Benjamin & Wright*, da praça de Boston. O fundamento da queixa ocorre com frequência.

Acusei a recepção da queixa e informei S. Ex.a que levaria o assunto ao V. conhecimento.

Com a mais elevada consideração e respeito,

Vosso humilde servidor,

Cha.s W Dabney

[Nota: Em verbete anexo à carta acima, refere-se a razão da queixa do Governador de Angra do Heroísmo a qual denuncia o capitão Harding por tomar clandestinamente passageiros na costa da ilha de S. Jorge].

#### DOCUMENTO 29

Sobre a situação da população face aos maus anos de produção vinícola.

Original: IAC, *Correspondência dos Cônsules dos Estados Unidos nos Açores*, CD1, Rolo 5, n.º 325

Consulado dos Estados Unidos  
Faial

Fayal, 4 de Abril de 1861

Ao  
Secretário de Estado dos Estados Unidos  
Washington

Senhor,

Tenho a honra de remeter as listas do movimento de navegação e a conta das taxas do trimestre findo a 31 do mês passado. Pelo saldo da conta corrente saquei a favor da firma Dabney & Cunningham pelo montante de quinhentos e sessenta e seis dólares e 16/100, confiando que tudo se encontre em ordem.

Lamento não poder dar conta de qualquer melhoria na situação das pessoas nesta ilha e seis anos consecutivos de vindimas mal sucedidas, reduziram-nas à necessidade de importar o que antes, creio poder afirmar, era o único artigo de exportação para o estrangeiro.

Com a maior consideração,

Vosso humilde servidor,

Cha.s W Dabney

#### DOCUMENTO 30

Situação das colheitas de cereais e da produção de vinho.

Original: IAC, *Correspondência dos Cônsules dos Estados Unidos nos Açores*, CD1, Rolo 5, n.º 361

Consulado dos Estados Unidos  
Faial

Fayal, 6 de Outubro de 1861

Ilustríssimo W.m H. Seward  
Secretário de Estado dos Estados Unidos  
Washington

Senhor,

Tenho a honra de junto remeter a conta do consulado referente ao trimestre findo a 30 do mês passado, apresentando um saldo de \$ 171,60 a favor do consulado que saquei a 15 dias de vista a favor da firma Dabney & Cunningham, esperando ser aceite.

Não tenho nada de notável a assinalar a respeito deste distrito. As colheitas de cereais têm sido razoáveis. Tem havido uma ligeira melhoria nas vinhas, ainda que a quantidade do vinho nesta época nem mereça a pena referir.

Com a maior consideração e respeito,

Vosso humilde servidor,

Cha.s W Dabney

DOCUMENTO 31

Escala na Horta de um navio suspeito de apoio à causa dos Confederados.

Original: IAC, *Correspondência dos Cônsules dos Estados Unidos nos Açores*, CD1,  
Rolo 5, n.ºs 399 e 400

Consulado dos Estados Unidos  
Faial

Fayal, 28 de Fevereiro de [1862]

Ilustríssimo E. F. Adams  
Ministro Plenipotenciário dos Estados Unidos  
Na Corte de St. James

Senhor,

Tenho a honra de informar que a escuna dos confederados *Anna Child*, capitão Hammer, escalou este porto no domingo, 23 do corrente, informando ser da Carolina do Norte (inicialmente teria dito ser de Charleston), em viagem para Liverpool com carga de algodão e equipamento naval e que o fim da sua escala era tomar carvão. A companhia de navegação inglesa West India Steam C.o tem aqui um armazém para

fornecimento dos seus próprios navios e a Lisbon Steam C.o tem igualmente depósito do qual nenhum uso é feito a não ser para os seus próprios navios. Sou o único que aqui dispõe de um armazém, e sempre dispus, desde que se iniciou a navegação a vapor, para fornecimento geral e por isso achei que o A. C. deveria seguir para outro qualquer local para obter carvão. O navio ficou sob quarentena por três dias e ao saber que o capitão se tinha dirigido ao Senhor Dart, vice-cônsul de Sua Majestade Britânica, procurei-o e sugeri-lhe de modo amigável que não aceitasse o pedido de fornecimento ao que me respondeu ter recusado e que tinha pedido ao seu amigo, Senhor Lane, agente consular de Sua Majestade o Rei da Holanda, para as cidades Hanseáticas e dos Lloyds que então se encontrava presente, e que era quem geria o negócio dos vapores. Pedi-lhe que considerasse a forma como uma tal atitude seria olhada pelos interessados que o próprio representava, na medida em que eu estava inclinado a ter no caso uma intervenção relativa aos factos.

Ao tomar conhecimento de que se tinham dirigido ao Agente da Lisbon Steam C.o, procurei-o e estava no campo, pelo que quando veio para a cidade, procurou-me e por algum tempo, dois dias, fiquei esperançado de que não cederia mas a tentação dos setenta “shillings” sobrepôs-se.

Sei de fonte autorizada que o capitão Hammer escreveu ao senhor Dart, devendo ter documentos ingleses, e receio que o expediente seja usado por outros.

Tendo sido informado que o A.C. tinha um pequeno canhão no castelo da proa, dirigi correspondência ao Governador para averiguar da sua natureza. Sua Ex.a dirigiu-se ao Capitão do Porto e teve a amabilidade de procurar-me, mostrando-me o seu relatório e parece poder concluir-se estar no nome de John P. Lafitte, de Charleston. Como antes se declarou, tem 27 pessoas ao serviço e quatro passageiros, não havendo qualquer referência a armamento.

Receio que esta não chegue à presença de V. a tempo de permitir qualquer diligência para o seu aprisionamento.

Com a maior consideração,

## DOCUMENTO 32

Sobre as movimentações de navios na Terceira para equipar o navio confederado  
*Alabama.*

Original: IAC, *Correspondência dos Cônsules dos Estados Unidos nos Açores*, CD1,  
Rolo 5, n.ºs 458 a 460

Tradução [Do texto português, inexistente no arquivo, para inglês]

Angra do Heroísmo, [21] de Agosto de 1862  
Senhor Charles W. Dabney

Caro Senhor,

A recepção da V. carta de 28 passado, permitiu-me [?] com que teve a amabilidade de me tratar.

Fico satisfeito de me ser dada oportunidade para o saudar e para informar que de modo a dar satisfação ao pedido do meu cunhado, assegurei, temporariamente, as funções da agência consular dos Estados Unidos nesta ilha, o que agora faço da melhor vontade já que penso que isso, com a prontidão com que o faço, será por si devidamente apreciado. Cerca das 6 horas da manhã do dia 10 do corrente o vapor inglês *Barcelona*, de Londres (em 15 dias de viagem) e em viagem para Havana, lançou ferro na baía da Praia. Como não tinha Carta de Saúde foi colocado em quarentena por três dias e após esse período permaneceu ancorado no mesmo local. A 18 um navio à vela, também com pavilhão britânico, chegou à baía e entrou logo em contacto com o vapor, sendo visível de terra que algumas caixas foram transferidas do navio para o vapor. Ontem devido à mudança do vento NE, soprando em direcção à baía, o vapor partiu e levando o navio a reboque, chegaram próximo do Monte Brasil, ancorando na baía do Fanal, próximo desta cidade. Um pouco depois outro vapor inglês surgiu vindo de Leste e lançou ferro junto do que já estava no porto. Tal manobra causou grande excitação e como estas embarcações, de acordo com os regulamentos da Alfândega, não podem estar ancoradas onde se encontravam, foi exigido aos capitães, através do cônsul britânico, para levantar ferro imediatamente ao que responderam que precisavam de mais três dias para fazer algumas reparações, e então partiriam. Foi feita então, logo a seguir, nova intimação com o mesmo fim, tendo dito que a observariam afastando-se três milhas da terra de modo a realizar as reparações de que os navios necessitavam. Crê-se aqui, em geral, que os vapores se destinam aos estados do Sul da América, transportando munições de guerra recebidas do navio. Claro que isto são apenas conjecturas, uma vez que ninguém sabe exactamente qual o seu verdadeiro destino.

O vapor que chegou aqui primeiro, mostra agora alguns canhões. Com esta ficam os meus desejos de felicidades e prosperidade. Com a maior consideração, respeito e amizade

(Assina) J. Ignacio d'Alm.da Monjardino

### DOCUMENTO 33

Sobre a destruição de navios baleeiros pelo *Alabama* ao largo das Flores.

Original: IAC, *Correspondência dos Cônsules dos Estados Unidos nos Açores*, CD1, Rolo 5, n.ºs 467 a 469

(Cópia)

Consulado dos Estados Unidos nos Açores

Faial, 2.<sup>a</sup> feira, 15 de Setembro de 1862

Para  
Comandante D. P. [Uptow]  
USS *Release* no porto

Senhor,

Permito-me chamar a atenção de V. para o seguinte:

O brigue baleeiro *Eschol*, capitão Robertson, da praça de New Bedford, \* Mass.tts, chegou a este porto no passado sábado à noite, dia 13 do corrente, tendo o capitão relatado ontem que na passada 3.<sup>a</sup> Feira, encontrando-se a Oeste das Flores, os vigias avistaram dois vapores. Subindo munido de um óculo, concluiu que o que o fumo que os vigias haviam avistado não era causado por navios a vapor, mas por dois cascos a arder. Logo a seguir avistou um navio, que lhe pareceu ser um vapor, pela altura do casco e pela distância entre o mastro da vela principal e o da mezena e ainda, depois de prosseguir no seu rumo por algum tempo, uma barca baleeira e um brigue hermafrodita. Mais tarde viu a barca a arder e envolvida em chamas, concluindo que o vapor seria um navio corsário dos Rebeldes Americanos ou um navio do Governo Confederado. Manteve-se junto à costa, preferindo manobrar o seu brigue de encosto à terra a ser capturado. Cerca das 5 horas da tarde contactou com um bote das Flores que estivera junto aos destroços tentando salvar o que fosse possível e soube pelos tripulantes que os dois primeiros navios queimados tinham sido rebocados para longe de terra e então incendiados a seis ou sete milhas da terra. Um deles era um navio de transporte entre o Faial e Boston, pertencente à [Wellfleet] (sem dúvida a pequena escuna *Starlight* que havia partido daqui, do Faial, uma semana antes com passageiros) e o outro um brigue português tentando salvar o que podia entre os destroços. Aqueles homens também informaram que outro vapor tinha incendiado quatro navios baleeiros ao largo da costa Leste das Flores no dia anterior e na Sexta feira passada o baleeiro *Ocmuldgee* o qual , na altura, levava uma grande baleia junto ao costado.

O que o capitão Robertson viu por último, relativamente ao vapor, foi que se mantinha sob vela a NE, estando na altura o vento a soprar de Leste. Nenhum dos navios tinha pavilhão visível.

Não tenho dúvidas de que este vapor é um dos dois que estiveram na Terceira há umas três semanas, os quais, sob bandeira inglesa, receberam, fora do porto, munições de guerra de uma barca igualmente com pavilhão inglês, tendo evitado todo o contacto com terra e ignorando as advertências das autoridades, entrando depois no porto e recebendo tripulantes da barca.

Nesta época do ano, é comum no Atlântico Norte a frota baleeira escalar estas ilhas para se abastecer. O facto é, sem qualquer dúvida, conhecido pelos predadores e penso que é provável, por isso, que permaneçam em cruzeiro em águas dos Açores por mais algumas semanas. Também tomei conhecimento hoje, de Inglaterra, que alguns interessados nestas ilhas vão armazenar carvão, naturalmente para fornecer os vapores Confederados, uma vez que sabem que isso só pode fazer-se no meu armazém. Por todas estas circunstâncias parece-me ser razoável ser da maior importância para a nossa marinha de comércio manter alguns navios de guerra, velozes e com poder de fogo, nestas águas. Navios à vela será pior do que nada, já que seria mais fácil serem apanhados por estes vapores do que capturá-los.

Como informa que os vapores *Tuscarora* e o *Kearsarge* estão em águas espanholas, em Cádiz ou Algeciras, penso que poderá prestar um serviço ao nosso país, do modo mais útil neste momento, indo imediatamente na procura de um ou ambos, relatando esta informação para que possam de imediato, no caso das suas instruções o permitirem, ir em perseguição destes cobardes ladrões.

\* Deve ser Beverly

Com o maior respeito,

Vosso humilde servidor,

(Assina) Chas W. Dabney

#### DOCUMENTO 34

Sobre a destruição de navios baleeiros ao largo das Flores pelo *Alabama*.

Original: IAC, *Correspondência dos Cônsules dos Estados Unidos nos Açores*, CD1, Rolo 5, n.ºs 477 a 480

Cópia

Consulado dos Estados Unidos nos Açores

Sam.l H. Doane, último capitão da escuna *Starlight*, de Deer Island, declara sob juramento o seguinte. A 7 de Setembro de 1862 estava a bordo do *Starlight*, a 5 milhas a NE de Santa Cruz das Flores, onde um vapor com bandeira inglesa se aproximou de SW tendo disparado um canhão a 1 milha e meia. Como avistei um navio na costa pensei que o tiro disparado fosse contra ele. O vapor então arriou o pavilhão inglês e disparou um tiro de canhão dirigido ao meu navio, tendo o tiro passado entre os mastros, içando então a bandeira dos Confederados. Icei então a bandeira americana e aprobei a Santa Cruz, altura em que voltou a disparar, passando o tiro a dois pés do alto do mastro principal. Sem esperança de escapar, fiz sinal. Mandou então um bote a bordo e o oficial deu-me ordens para recolher os meus documentos e dirigir-me a bordo do vapor no seu bote, o que fiz, ficando o oficial e os restantes homens a bordo da escuna. A minha escuna estava carregada de passageiros para Boston, homens e mulheres e na maior parte portugueses. Quando cheguei a bordo do vapor fui conduzido à cabine, altura em que o tenente me disse, quando me apresentou ao comandante, este é o capitão Semmes. O comandante era um homem de estatura mediana, magro, cabelo grisalho, bigode e pequena barba sob o lábio inferior, fardado com uniforme cinzento. Os oficiais fardavam de azul com botões da marinha. O capitão depois de verificar os meus documentos, deu-me ordens para regressar à escuna e trazer todos os americanos para bordo. Quando viemos para bordo fomos levados para um dos lados do convés, sendo interrogados sobre o local de origem. Constatando que éramos todos do Norte, colocou-nos todos a ferros sem possibilidade de contestação. Para além deste facto, não foi cometido qualquer abuso e permitiram que ficássemos com a maior parte do nosso vestuário, mas procuraram os meus instrumentos, mapas e dinheiro. Fomos mantidos a ferros cerca de dezoito horas. Os passageiros foram mantidos a bordo da escuna. Fomos levados cerca das 6 da tarde do dia 7 e a 8, pelas 11 horas da manhã, fomos largados no nosso próprio bote a umas de três milhas das Flores, remando para terra. Os passageiros já tinham sido levados para terra nos botes do vapor. Antes de partir da escuna, devolvi o dinheiro das passagens ao maior número de passageiros que me foi possível, distribuindo tudo o que tinha, com excepção de cerca de \$100 Cem dólares. Isto foi informado ao capitão Semmes e ouvi ele dizer que mandaria fazer uma busca neles todos pela manhã para apreender tudo o que pudesse. Porém, na manhã seguinte, tendo à vista outros navios, mandou-os para terra apressadamente, de modo a ficar livre para perseguir as outras velas.

O vapor é feito de madeira e não revestido de ferro, longo, estreito e baixo próximo da água. Está armado em barca, poder-se-ia julgar ser em bergantim, quando a vela principal não está içada uma vez que tem uma grande pano. No entanto estou seguro que a sua vela principal é quadrada.

O seu armamento consiste em seis peças de 32 libras, e duas grandes giratórias de 8 polegadas a meia-nau. [?]. [?]. O condestável disse terem a bordo um total de 78 homens; contei 52 marinheiros e 12 artilheiros e todos os homens eram ingleses ou irlandeses e não americanos. Os oficiais são sulistas e com excepção do Capitão e do 1.º Tenente, parecem ignorar as tarefas náuticas. A disciplina de bordo era fraca ainda que os homens parecessem ser bons marinheiros. Levaram mais de uma hora a colocar as duas velas de joanete. Não pareciam muito satisfeitos. O condestável e vários marinheiros disseram-me que havia em missão um outro vapor de nome *Barcelona* comandado, segundo disseram, por [?]. Disseram que andaria próximo do Faial e que esperavam encontrá-lo em breve. Alguns homens disseram que iam rumar a Sul em busca de navios baleeiros uma vez que estavam bem localizados na zona por eles frequentados. O engenheiro inglês disse-me que esperavam mais homens dentro de dias. Os oficiais afirmaram que estavam apostados em apanhar a barca *Azor* do Senhor Dabney, no caso de ficarem nesta área por um mês.

(Assinado) Samuel H. Doane  
Faial, 19 de Setembro de 1862.

#### DOCUMENTO 35

Sobre as depredações efectuadas pelo *Alabama* ao largo das Flores.

Original: IAC, *Correspondência dos Cônsules dos Estados Unidos nos Açores*, CD1,  
Rolo 5, n.º 501

(Cópia)

Consulado dos Estados Unidos nos Açores

Faial, 18 de Setembro de 1862

Ilustre F. W. Seward  
Secretário de Estado em exercício  
Washington

Senhor,

Tenho a honra de informar que a 15 do corrente o navio americano de abastecimentos *Release*, comandante Upton, chegou a este porto em 10 dias de viagem de Cadiz com destino a Boston.

No dia anterior (Domingo) o brigue baleeiro *Eschol* chegou aqui para se proteger, vindo das Flores, dando a saber terem sido incendiados sete navios americanos ao largo

daquela ilha por um ou dois vapores. Esta informação foi logo transmitida ao comandante Upton e como não temos qualquer maneira de aceder a meios capazes de actuar, e sendo esta a época em que muitos navios baleeiros se acolhem a estas ilhas, manifestei ao comandante Upton que, caso não estivesse comprometido com qualquer missão em particular, na minha opinião não poderia prestar melhor serviço do que regressar a Cadiz onde o *Tuscarora* e o *Kearsarge* permaneciam, dando-lhes a conhecer as circunstâncias. Remeti-lhe uma carta, de que remeto cópia, e ele partiu na mesma tarde. Com o brigue português *Hortense*, que chegou a este porto a 15, de Swansea, foram feitos acertos para descarregar parte da carga, de modo a seguir para as Flores na mesma tarde, para obter informações e providenciar todo o apoio às tripulações.

Com o maior respeito,

(Assinado) Cha.s W. Dabney  
Cônsul dos Estados Unidos

#### DOCUMENTO 36

Sobre a recusa de fornecimento de carvão a navios britânicos apoiando a causa dos Confederados.

Original: IAC, *Correspondência dos Cônsules dos Estados Unidos nos Açores*, CD1, Rolo 5, n.ºs 584 a 586

Cópia

Para completo esclarecimento desta, faz-se saber que eu sou aqui a única pessoa que possui um depósito de carvão desde que, posso afirmar, teve início a navegação a vapor. A companhia inglesa West India Steam C.o e a Lisbon União Mercantil C.o têm depósitos para os seus próprios navios.

De 1857 a 1859 a procura de carvão foi pequena e o meu *stock* aumentou para cima das cinco mil toneladas, tendo enviado vários carregamentos para Boston, pelo que a pouco e pouco decresceram até 1862, altura em que, devido à questão Mexicana, se verificou uma procura fora do comum. O meu bom amigo Senhor F. R. Camroux, de Londres, ao saber que eu tinha um grande stock de carvão e tendo-lhe sido pedido para fornecer quinhentas toneladas de carvão para dois vapores que deviam escalar este porto para as tomar, por volta de 25 de Maio, assumiu o contrato para entrega do carvão. Pouco depois foi de novo contactado para fornecer mais quinhentas toneladas para dois outros vapores que chegariam a este porto pela mesma altura. Note-se que os contractos foram elaborados no começo de Maio e o carvão era para ser entregue aqui por volta de 25 do mesmo mês. A informação que me chegou sobre o primeiro contracto para dois vapores, facto sem precedentes, despertou logo as minhas suspeitas de que se trataria de operação associada aos confederados, e a informação do segundo contracto aumentou a minha suspeita. A chegada do vapor *Stanley*, o primeiro dos quatro vapores, afastou qualquer dúvida do meu espírito e decidi recusar o fornecimento de carvão. Imagine-se o meu estado de espírito face a um verdadeiro amigo, inteiramente alheio ao assunto. Tratava-se de uma imprudência susceptível de afectar gravemente as suas finanças. Remeti-lhe então uma carta de que junto cópia. Jamais uma questão de negócios me causou tão

grande preocupação. O meu amigo é uma pessoa criteriosa e de uma prudência inexcedível, mas ao envolver-se em negócios tão fora do comum, aconteceu o pior e os factos provam que os meus receios eram bem fundados, pois fora uma precipitação da sua parte. Estava de tão boa fé que nem mesmo se fixara qualquer limite de responsabilidade. Permita que recorde a minha carta de 22 de Maio para sublinhar como agi nesta questão. Muito providencialmente o *Scotia* e o *Anglia* depararam-se com ventos contrários e voltaram à origem, e soube que ainda lá estavam quando a minha primeira recusa de fornecimento ao *Stanley* se soube, ficando lá retidos. Todavia, o *Anglia* veio a este porto a 26 de Junho mas os procedimentos do comandante foram irregulares e espera-se uma atitude para o provar.

Autorizei o Senhor C. a debitar a minha conta por montante que não exceda duzentas libras a que poderá ter de recorrer para pagamento por incumprimento e exprimi o seu maior apreço pela minha generosidade informando que espera não se tornar necessário utilizar nada de parecido com aquele valor. As últimas notícias, contudo, dão a saber que lhe terá sido pedido £ 2.900 [apenas para] o *Stanley* e o *Anglia*. O *Adela* foi apenas de £ [?], valor da penalização pela não execução do contracto com o Governo Britânico. É extraordinário que o *Adela*, *Anglia* e *Scotia* foram capturados e consta que o *Stanley* deu à costa para evitar ser capturado, e que o *Columbia*, que veio a este porto sem haver qualquer contracto e ao qual se recusou o fornecimento de carvão, e apesar de se garantir que não carregava contrabando a bordo, foi capturado tendo-se provado ser um autêntico arsenal!

#### DOCUMENTO 37

Suspeita da presença do *Alabama* na proximidade das Flores

Original: IAC, *Correspondência dos Cônsules dos Estados Unidos nos Açores*, CD1, Rolo 5, n.º 600

Consulado dos Estados Unidos nos Açores

Faial, 4 de Abril de 1863

Ilustre F. W. Seward  
Secretário de Estado Adjunto

Senhor,

Um indivíduo de nome José Caetano declarou ter avistado um vapor a Norte das Flores no dia 21 do passado mês, em perseguição de um navio por volta das seis e meia da tarde. Afirma que se recorda perfeitamente do *Alabama* e julga que se tratava deste, pelo que me apresso a dar conhecimento.

Com a mais elevada consideração e respeito,

Vosso humilde servidor,

Cha.s W Dabney

O Cap. Winslow e o Tenente Thornton estão ainda a aguardar a chegada do *Kearsarge*.

DOCUMENTO 38

Sobre o *Alabama* e a perseguição pelo *Kearsarge*.

Original: IAC, *Correspondência dos Cônsules dos Estados Unidos nos Açores*, CD1,  
Rolo 5, n.º 603

Consulado dos Estados Unidos nos Açores

Faial, 8 de Abril de 1863

Ilustre F. W. Seward  
Secretário de Estado Adjunto

Senhor,

Tenho a honra de informar que o Capitão Winslow assumiu o comando do *Kearsarge* bem como o Tenente Thornton que assumiu o cargo de imediato do mesmo navio.

Na minha última correspondência informei que um indivíduo de nome José Caetano tinha declarado ter avistado a 21 do mês passado, a Norte das Flores, um vapor que corresponderia ao *Alabama* a bordo do qual já tinha estado no Verão passado, em perseguição de um navio de grande porte (possivelmente inglês) por volta das seis e meia da tarde.

Nada de novo se soube em relação ao dito navio e sou levado a não dar crédito àquela informação.

Respeitosamente, Senhor,

Vosso humilde servidor,

Cha.s W Dabney

DOCUMENTO 39

Sobre as restrições à emigração de portugueses.

Original: IAC, *Correspondência dos Cônsules dos Estados Unidos nos Açores*, CD1,  
Rolo 5, n.º 605

Consulado dos Estados Unidos nos Açores

Faial, 22 de Abril de 1863

Ilustre F. W. Seward  
Secretário de Estado Adjunto

Senhor,

Tenho a honra de remeter a conta e as listas do movimento de navegação deste consulado, do trimestre findo a 31 do mês passado e lamento não poder registrar qualquer melhoria no nosso comércio com estas ilhas.

A política do governo de Portugal vai no sentido de desencorajar a emigração e é com este propósito que as restrições estão sempre a aumentar, ao mesmo tempo que o efeito é contrariado devido ao sistema de recrutamento para o exército, incentivando muitos a abandonar o país clandestinamente uma vez que não há nada neste mundo a que tenham mais horror.

A conta apresenta um saldo a meu favor de trezentos e dezasseis dólares e cinquenta e oito cêntimos, transportados para nova conta e que, espero, tudo seja achado em ordem.

Com o maior respeito,

Vosso humilde servidor,

Chas W Dabney

#### DOCUMENTO 40

Sobre o abastecimento de carvão a navios apoiando a causa dos Confederados.

Original: IAC, *Correspondência dos Cônsules dos Estados Unidos nos Açores*, CD2,  
Rolo 6, n.º 22

Consulado dos Estados Unidos nos Açores

Faial, 24 de Maio de 1864

Ilustre F. W. Seward  
Secretário de Estado Adjunto

Senhor,

É com pesar que me cumpre informar que o *Mary Celest*, um vapor inglês de duas hélices (semelhante ao *Atalanta* referido na minha n.º 6 como tendo estado na Terceira) constando seguir de Liverpool em viagem para Nassau, tomou carvão em S. Miguel e partiu a 7 do corrente.

O nosso agente consular em S. Miguel, o Senhor Hickling, requereu ao Governador Civil que mandasse fazer uma busca para proibir o seu abastecimento de carvão, informando-me que o Governador o procurou para lhe dizer não dispor de autoridade para promover qualquer uma das duas diligências. O *M. C.* foi dado como estando em lastro mas o Senhor Hickling pensa que estava bem abaixo da linha de água.

Os vapores com hélice dupla, segundo se diz, são muito velozes em todas as manobras. O Governo está sem duvida ao corrente desta nova e importante aplicação.

Com o maior respeito,

Vosso humilde servidor,

Cha.s W Dabney

#### DOCUMENTO 41

Episódio entre um navio confederado e um navio inglês.

Original: IAC, *Correspondência dos Cônsules dos Estados Unidos nos Açores*, CD2, Rolo 6, n.º 35

Consulado dos Estados Unidos nos Açores

Faial, 18 Junho de 1864

Ilustre F. W. Seward  
Secretário de Estado Adjunto

Senhor,

O navio inglês, *Nourmahal*, capitão Fowler, em viagem da Austrália para Inglaterra, lançou ontem ferro neste porto. Nas coordenadas de Lat. 22 ° e Long. 42° foi abordado pelo *Florida* cujo comandante transferiu para aquele navio a tripulação da escuna americana *George Latimer* (de Baltimore para Pernambuco), capitão John Warren, cujo navio foi incendiado na Lat. 34° 50' N. e Long. 55° 20 W.

O *Nourmahal* não tinha Carta de Saúde (é bom notar que não é necessária em Inglaterra e nos Estados Unidos) e ainda que em viagem há cem dias, e estando todos de boa saúde, ficou de quarentena e o capitão Warren e os oficiais não puderam ter a oportunidade de regressar daqui à sua pátria.

Remeto uma cópia da comunicação recebida dele.

Com a mais elevada consideração,

Vosso humilde servidor,

Cha.s W Dabney

#### DOCUMENTO 42

Sobre o abastecimento de carvão a navios apoiando a causa dos Confederados.

Original: IAC, *Correspondência dos Cônsules dos Estados Unidos nos Açores*, CD2, Rolo 6, n.º 42

[Transcrição de um jornal de Glasgow]  
Importante para os vapores em viagem para a Bermuda e Nassau

Armazéns de Carvão – Terceira – Ilhas dos Açores

Sinal para tomar carvão. Bandeira sob o pavilhão inglês.  
Os vapores são abastecidos com o melhor carvão por George Dart – Terceira  
Para mais informações contacte Joseph H. Dart, 22 Great St.  
[?] Londres – Irmãos Dart  
9 Four Chambers Liverpool ou James Dunn & Sons 62 Jamaica St Glasgow

#### DOCUMENTO 43

Fornecimento de carvão na ilha Terceira a navios apoiando os Confederados.

Original: IAC, *Correspondência dos Cônsules dos Estados Unidos nos Açores*, CD2,  
Rolo 6, n.º 71

Consulado dos Estados Unidos nos Açores

Faial, 16 de Novembro de 1864

Ilustre F. W. Seward  
Secretário de Estado Adjunto

Senhor,

Nos termos de uma nota do nosso agente consular na Terceira datada de 14 do corrente, fui informado que a 2 do corrente o vapor inglês *Ruby*, de 128 toneladas, capitão Stinson, em viagem de Cork para a Bermuda, escalou a Terceira para tomar carvão e a 5 o vapor britânico *Runner*, capitão Davidson de 700 toneladas, de Londres com destino, claramente, para a Bermuda, escalou igualmente para tomar carvão. Era um vapor novo em ferro, muito veloz, tendo feito a travessia de Londres para a Terceira em cinco dias! A baía de Angra é muito apertada e o capitão, possivelmente na presunção das qualidades superiores do seu navio, aproximou-se demasiado e, já tarde demais, verificou que não havia espaço suficiente para voltar e foi bater nas rochas onde logo começou a meter água. Salvaram-se treze mil caixas ditas de carne conservada e alguma maquinaria.

Pedi ao Senhor Castro para averiguar, se possível, o verdadeiro conteúdo das caixas salvas do *Runner*.

Com a mais elevada consideração e respeito,

Vosso humilde servidor,

Cha.s W Dabney

DOCUMENTO 44

Sobre a acumulação na Horta de marinheiros a cargo do consulado e seu repatriamento.

Original: IAC, *Correspondência dos Cônsules dos Estados Unidos nos Açores*, CD2, Rolo 6, n.ºs 160 e 161

Consulado dos Estados Unidos nos Açores

Faial, 31 de Outubro de 1865

Ilustre C. A. Seward  
Secretário de Estado Adjunto  
Washington

Senhor,

Acontecendo que este consulado está sobrecarregado com um grande número de marinheiros carecidos de apoio, diligenciei junto do capitão Silveira do bergantim português *Acaso*, em viagem para New Bedford, para levar vinte. Emiti certificado no valor de quatrocentos e oitenta dólares ouro, à tarifa de vinte e quatro dólares por cada um. O capitão Silveira mostrou muita relutância em levar estes marinheiros, porque são em geral pessoas muito conflituosas e só foi possível conseguir convencê-lo a dar-lhes transporte, com a promessa de escolher os mais calmos.

Na barca americana *Alexander Mac Neil* e no brigue *Rebecca Shepard*, que fizeram escala neste porto em dificuldades, em viagem para os Estados Unidos, mandarei 21 marinheiros. Os capitães não mostraram vontade em levar mais do que o número que são obrigados a levar, ficando 26 ainda para seguirem.

Todos os esforços serão feitos para os enviar o mais brevemente possível e com a menor despesa.

As contas e listas do terceiro trimestre do presente ano, juntamente com os despachos n.ºs 37 e 38, serão enviados pelo transporte regular que se aguarda todos os dias.

Muito respeitosamente,

Vosso humilde servidor,

John P Dabney  
Cônsul substituto

Á última da hora o capitão Silveira achou que apenas podia acomodar dezasseis marinheiros, pelo que lhe foi dado um certificado de acordo, pelo valor de \$ 384 em vez do de \$480.

John P Dabney

## DOCUMENTO 45

Dificuldades com o repatriamento de marinheiros e encargos inerentes.

Original: IAC, *Correspondência dos Cônsules dos Estados Unidos nos Açores*, CD2,  
Rolo 6, n.º 186

Consulado dos Estados Unidos nos Açores

Faial, 16 de Janeiro de 1866

Ilustre C. A. Seward  
Secretário de Estado Adjunto  
Washington

Senhor,

Não tendo qualquer perspectiva de poder repatriar nos próximos meses os marinheiros carenciados que se foram acumulando aqui, que aumentaram devido à infeliz perda da escuna *Okolona*, de New York, capitão Thatcher, à entrada deste porto, consegui que o capitão Lovett da barca inglesa *Agnes M. Lovett*, a qual chegou aqui em dificuldade quando em viagem de Inglaterra para Boston, MA, para os transportar.

Seis tripulantes do *Okolona* seguem nos termos que o navio tem de observar, e para lhes ser possível executar as suas tarefas autorizei o capitão Lovett a gastar dezoito dólares para adquirir vestuário à prova de água, à razão de \$3 dólares cada um. Para os restantes concordei com trinta e cinco dólares por cada um para o que emiti certificado. Junto certificado do médico que assistiu cinco homens que ainda continuam no hospital e que não podem embarcar.

Era para ter repatriado 8 homens na barca *Sunshine*, capitão Packer, que largou ontem e que chegou a este porto em dificuldade, de Bordeaux para New York, mas mal tinha espaço para a sua própria tripulação, como poderá verificar pela declaração do capitão, confirmada pelo relatório dos capitães Thatcher e Lovett de que junto cópias.

Com elevada consideração,

Respeitosamente,

Cha.s W Dabney

## DOCUMENTO 46

Sobre emigração clandestina dos Açores para os E.U.A.

Original: IAC, *Correspondência dos Cônsules dos Estados Unidos nos Açores*, CD2,  
Rolo 6, n.ºs 194 a 196

Consulado dos Estados Unidos nos Açores

Faial, 26 de Fevereiro de 1866

Ilustre F. W. Seward  
Secretário de Estado Adjunto  
Washington

Senhor,

Pela *Fredonia*, a 19 do corrente, tive a honra de receber os V. despachos 147 a 149, o primeiro dos quais acompanhando um dirigido ao ministro de Sua Majestade sobre a emigração clandestina de habitantes das ilhas, com destino aos Estados Unidos.

Creio que há razões fundamentadas de queixa, com excepção no que diz respeito a quem quer que seja que esteja investido em cargos oficiais nestas ilhas, ligados ao governo dos Estados Unidos, e jamais tive a menor razão para suspeitar disso.

O caso referido, como tendo ocorrido em S. Miguel, será investigado e a conclusão será comunicada tão depressa quanto possível. Não hesito em afirmar a minha convicção que o Senhor Hickling nada tem a ver com a questão, para além de ter acompanhado o capitão Hallock à Alfândega para assinatura da garantia.

A questão da emigração clandestina, ao chegar ao V. conhecimento por outra via, permite-me a oportunidade de fazer algumas considerações sem dar a impressão de ser movido por qualquer interesse pessoal. Sou a única pessoa que tem um navio assegurando ligações regulares entre esta ilha e os Estados Unidos. Os navios sobre os quais tenho tido controle, têm-se mantido escrupulosamente fora da prática de qualquer infracção à lei. Nenhum outro navio alguma vez incluiu um cirurgião, sem o qual nenhum navio, por lei, pode transportar mais de cinquenta passageiros. Refiro estas circunstâncias para sublinhar que, ainda que a emigração clandestina prejudique os meus interesses de modo desfavorável, sempre me abstive de qualquer atitude que pudesse ser entendida como visando o meu interesse particular, na medida em que considero que o meu país retira alguma vantagem da situação.

A emigração clandestina é feita em pequenos navios, tanto americanos como portugueses, No último Verão a maioria por portugueses, alguns dos quais, segundo consta, transportaram mais do triplo do número permitido pelas leis americanas e portuguesas. Destinaram-se a Boston e New Bedford e diz-se que algumas vezes escalam Provincetown e outros pequenos portos, onde desembarcam supranumerários, sem que as autoridades suspeitem devido ao seu pequeno porte.

Ouçõ dizer que pretendem voltar a fazer estas viagens no próximo Verão.

Respeitosamente,

Vosso humilde servidor,

Cha.s W Dabney

DOCUMENTO 47

Sobre a emigração clandestina nos Açores.

Original: IAC, *Correspondência dos Cônsules dos Estados Unidos nos Açores*, CD2,  
Rolo 6, n.º 212 e 213

S. Miguel, 15 de Abril de 1866

Charles W Dabney  
Cônsul dos Estados Unidos nos Açores

Senhor,

Estou a responder à V. comunicação de 10 do mês passado sobre pedido de esclarecimento de Sua Excelência Figanier e Morão, Ministro de Portugal, dirigida a Sua Excelência o Secretário de Estado William H. Seward, e também sobre o despacho n.º 147 que lhe foi dirigido e acusando os agentes consulares. O envolvimento e intervenção do cônsul dos Estados Unidos em Ponta Delgada é absolutamente infundado como se verá.

A 12 de Julho passado o navio americano *Josephine B. Knowles*, capitão Robert B. Kallock, chegou de Bangor com um carregamento de madeira consignado a Clemente Joaquim da Costa e antes de ancorar, um indivíduo de nome João Maria Bessone, saiu e por falar algum inglês, Clemente Joaquim da Costa autorizou-o a dialogar com o capitão do navio e conseguiu contratar com ele o transporte de alguns passageiros. Ao tomar disso conhecimento o Governador dirigiu-se-me para fazer o capitão garantir que não levaria quaisquer passageiros que não estivessem munidos de passaporte. Mandei chamá-lo e intimei o dito Robert B. Kallock, sob juramento, a declarar que observaria as leis do país. Remeti aquele documento ao governador mas o referido João Maria Bessone, o verdadeiro instigador, convenceu o dito Robert B. Kallock a desrespeitar o juramento feito. No dia 19 seguinte, partiu para a ilha de S. Jorge e na manhã seguinte, dia 20, o escaler da Guarda com um oficial, apreendeu o bote do navio com Robert B Kallock e João Maria Bessone, a tomar passageiros sem passaporte, prendendo-o, embora, estranhamente, o governador nada tenha diligenciado quanto ao instigador João Maria Bessone e o capitão, só mediante pagamento teve possibilidade de prosseguir viagem, e sob ameaça de lhe ser retido o Registo e só o vi de novo quando lhe foram entregues os documentos do navio. O violador da lei foi um português e não o agente consular.

Que eu me recorde, nenhum navio alguma vez saiu desta ilha com passageiros clandestinos.

Tenho a honra de ficar ao dispor de V.,

Vosso humilde servidor,

Thomas Hickling

DOCUMENTO 48

Sobre o desembarque ilegal de marinheiros de bordo de navios baleeiros americanos e embarque clandestino nas ilhas.

Original: IAC, *Correspondência dos Cônsules dos Estados Unidos nos Açores*, CD2, Rolo 6, n.º 268

Consulado dos Estados Unidos nos Açores

Faial, 8 de Janeiro de 1867

Ilustre F. W. Seward  
Secretário de Estado Adjunto  
Washington

Senhor,

Lamento informar que Hugh Champlin, Daniel W. Laws, Charles Bisbee, Cha.s F. Bartlett e Cha.s C. Kiser foram deixados neste porto de forma ilegal pela barca *Adeline Gibbs*, de New Bedford, capitão Babcock. Com o n.º 1 junto a declaração dos homens e também a declaração de J. B. de Medeiros e Domingos Knoth, com o n.º 2, funcionários do Departamento de Saúde. Os homens não pretendem desertar, já que se apresentaram no consulado meia hora após a partida do capitão Babcock, para saberem se ele regressaria para os levar e é claro que o capitão Babcock pretendia deixá-los, uma vez que contratou alguns naturais desta ilha, embarcando-os já em lugar afastado no exterior da baía, infringindo a lei. Em resultado foi instaurado aqui processo contra ele.

Fico ao V. dispor,

Vosso humilde servidor,

Cha.s W Dabney

DOCUMENTO 49

Parecer desfavorável à proposta de elevação de S. Miguel a consulado.

Original: IAC, *Correspondência dos Cônsules dos Estados Unidos nos Açores*, CD2, Rolo 6, n.ºs 293 e 294

Consulado dos Estados Unidos nos Açores

Faial, 20 de Maio de 1867

Ilustre F. W. Seward  
Secretário de Estado Adjunto  
Washington

Senhor,

Tive a honra de receber o V. despacho n.º 163 pedindo o meu parecer quanto à necessidade ou adequação de elevar S. Miguel à categoria de consulado.

Sinto a delicadeza que a posição em que sou colocado envolve e farei por me desempenhar em termos que correspondam à confiança que em mim é depositada.

Para uma clara compreensão da questão será necessário afirmar que a ilha de S. Miguel é a mais próspera dos Açores, mas a sua importância do ponto de vista comercial, em relação aos Estados Unidos, é muito reduzida (as relações comerciais dos Açores com os Estados Unidos são insignificantes). Os últimos oitenta anos não acrescentaram nada à sua importância comercial com os Estados Unidos. (A sua vantagem comercial não teria aumentado, com a existência de um consulado).

A exportação das produções de S. Miguel são, posso afirmar, a laranja e os cereais; da primeira cerca de 19/20 é embarcada para a Inglaterra pelos proprietários dos pomares que se juntaram numa companhia com vista a assegurar tanto quanto possam o maior proveito. O resultado de tal modo de proceder foi o de excluir negociantes.

As importações dos Estados Unidos limitam-se a uns poucos carregamentos de madeira, pregos e algum querosene.

Está em construção uma doca em S. Miguel e uma lei das Cortes de Portugal autorizou a construção de uma aqui, estando em curso os preparativos para isso.

A possibilidade de construir docas que possam resistir à violência das tempestades é vista por muitos com desconfiança. A parte da doca de S. Miguel já acima da água foi muito danificada pela tempestade de Janeiro passado. Sejam os esforços bem sucedidos, terão um importante impacto na prosperidade das respectivas ilhas.

O tempo pode alterar as condições, mas a minha opinião, de momento, é que a elevação de S. Miguel à categoria de consulado poderia ser inconsequente quanto a trazer qualquer vantagem para o nosso país.

Ao exprimir este ponto de vista estou ciente que a minha posição me coloca sob suspeita de estar a agir por qualquer interesse, mas tendo conseguido perante o Departamento, de modo claro, ser merecedor de confiança, julgo tornar-se supérfluo acrescentar [?]. A reputação, contudo, é de uma natureza tão delicada que devo pedir perdão por fazer referência [?].

Com os maior respeito,

Vosso humilde servidor,

Cha.s W Sabney

DOCUMENTO 50

Repatriamento de marinheiros e dificuldades de transporte.

Original: IAC, *Correspondência dos Cônsules dos Estados Unidos nos Açores*, CD2,  
Rolo 6, n.º 365 e 366

Consulado dos Estados Unidos nos Açores

Faial, 15 de Abril de 1868

Ilustre F. W. Seward  
Secretário de Estado Adjunto  
Washington

Senhor,

Pela barca britânica *Fredonia* enviei onze marinheiros carenciados, ficando dois no hospital por não estarem em condições de embarcarem e que são os que sobram dos que haviam desembarcado aqui na última época. Nunca tive tanta dificuldade em encontrar transporte para os homens. Desde a partida do brigue *A. J. Ross* a 16 de Dezembro nenhum outro navio americano partiu deste porto para os Estados Unidos, e os únicos navios que saíram para aquele destino (com excepção da barca britânica *White Wing*, na qual enviei cinco homens) carregaram fruta e não podiam levar passageiros.

Quando os que seguiram no *Evarista*, como transportava mais do que era permitido, uma das condições estabelecidas pelo capitão era a de poder rejeitar aqueles que ele considerasse mais desordeiros. O resultado foi que os mais dissolutos foram deixados aqui e as desordens e a destruição de vestuário a que deram lugar excedeu tudo o que até então sucedeu.

V. respeitosamente,

Vosso humilde servidor,

Cha.s W Dabney

DOCUMENTO 51

Longa permanência de marinheiros retidos no Faial a cargo do consulado e o problema da prostituição.

Original: IAC, *Correspondência dos Cônsules dos Estados Unidos nos Açores*, CD2,  
Rolo 7, n.ºs 36 e 37

Consulado dos Estados Unidos nos Açores

Faial, 31 Março de 1870

Ilustre C. Bancroft Davis  
Secretário de Estado Adjunto  
Washington

Senhor,

Tenho a honra de informar que os seguintes marinheiros americanos carenciados: Robert Potter, doente com asma.

Joseph [?], com perna partida; aleijado.

Thos Fletcher, [?] Henry, Francis Antone, Manuel Leon, J. Israel Donker, Enrique Rogers, Todos habitualmente no hospital, assistidos pelo médico em tratamento de doença venérea.

Têm estado todos à responsabilidade deste consulado há mais de seis meses e não tem havido oportunidade de os enviar para a América ou para portos intermédios (excepto se Lisboa, Brasil ou Inglaterra forem considerados pontos intermédios).

O consulado em Lisboa opõe-se a que envie quaisquer homens para a sua área (local intermédio) ainda que eu esteja convencido que seria uma poupança para o governo, havendo tantos homens aqui, mandá-los para Lisboa para serem repatriados ou onde poderiam obter emprego.

Os meus relatórios mostram o montante das despesas de manter os homens aqui, além de ser impossível mantê-los fora do hospital devido à grande contaminação das mulheres. Compensaria o Governo manter uma dúzia ou duas dezenas de mulheres aqui, livres de doença, para servirem estes marinheiros (!)

Vosso respeitosamente,

Humilde servidor,

J. C. Cover

Cônsul dos Estados Unidos

## DOCUMENTO 52

Sobre o fornecimento de vestuário a marinheiros retidos na Horta.

Original: IAC, *Correspondência dos Cônsules dos Estados Unidos nos Açores*, CD2, Rolo 7, n.ºs 90 a 93

Consulado dos Estados Unidos nos Açores

Faial, 13 de Julho de 1870

Ilustre C. Bancroft Davis  
Secretário de Estado Adjunto  
Washington

Senhor,

Tenho a honra de junto remeter os meus relatórios do trimestre findo em 30 de Junho. Poderá verificar-se que o consulado está, finalmente, sem marinheiros carenciados a seu cargo e livre de tão grandes despesas, estas transitadas do ano de 69.

Quanto ao fornecimento de vestuário e roupas de cama etc. para os marinheiros, não posso fazer melhor nas condições do comércio, especialmente porque as leis não permitem ao cônsul negociar vestuário feito por medida, empregando mão-de-obra barata.

O problema é evitar que os marinheiros vendam as roupas, para obter dinheiro para bebida e mulheres, e voltem a pedir novas roupas. E se as recusamos podem ficar doentes por falta de agasalho, o que dará lugar a novos encargos com médico e hospital. Estes problemas podem ser enfrentados de modo significativo caso as leis sejam alteradas conferindo aos cônsules mais opções. Os marinheiros são em grande medida homens como os outros, apenas [?] Senhor, e os seus exageros deveriam ser contemplados em leis muito rigorosas.

As leis, ao contrário, encorajam a deserção dos navios baleeiros, ao oferecer alimentação e roupa gratuita aos desertores, além da liberdade para viver na ociosidade, muitas vezes por vários meses. As deserções também são incentivadas pelo conhecimento do facto de que a passagem em escala para a América em navios americanos e mesmo em navios estrangeiros, são pouco frequentes, muito em especial porque os comandantes americanos nunca estão disponíveis para transportar marinheiros a \$10,00 e porque só uns poucos capitães de navios estrangeiros os transporta.

A cadeia daqui é tão frágil que não permite manter marinheiros americanos, a não ser que queiram ali permanecer de livre vontade. As autoridades recusam-se a fazer concertos; na verdade não têm possibilidades e, portanto, o cônsul não tem controlo sobre os marinheiros americanos que se envolvem em desordens, ainda que, em certa medida, seja responsável pela sua conduta. Marinheiros amotinados ou criminosos, não podem ser mantidos presos aqui, excepto se preferirem ali permanecer. Claro que me cabe tê-los em contacto, em qualquer altura, para os repatriar.

As autoridades prisionais estão já a exigir o pagamento de alguns \$100,00 por prejuízos causados por alguns marinheiros americanos [?]. Tenho cobertura para pagar? Seria preferível e uma poupança, talvez mesmo uma grande poupança para o Departamento de Estado, autorizar a fazer as reparações, digamos uns \$300,00, e colocar o velho forte em condições de ser usado no futuro.

Tanto quanto posso avaliar as despesas, os problemas com marinheiros e com as autoridades daqui, serão susceptíveis no futuro de custar muito mais do que até agora, salvo se algo for feito.

Já paguei várias pequenas quantias do meu próprio bolso por prejuízos para evitar confrontar-me com estas autoridades locais, não havendo lei para [?].

De V. Ex.a,

J. C. Cover  
Cônsul dos Estados Unidos

#### DOCUMENTO 53

Sobre o fornecimento de vestuário a marinheiros retidos na Horta e seus preços.

Original: IAC, *Correspondência dos Cônsules dos Estados Unidos nos Açores*, CD2, Rolo 7, n.ºs 149 a 151

## Consulado dos Estados Unidos nos Açores

Faial, 31 de Janeiro de 1871

Senhor J.C. Cover  
Cônsul dos Estados Unidos nos Açores

Senhor,

Por achar necessário voltar a praticar os preços de 1868/69 de alguns artigos de vestuário fornecido ao Consulado dos Estados Unidos, junto em anexo algumas declarações sobre as razões que exigem a alteração e que V. pode remeter ao Departamento.

Tem de se ter em conta que aqui não existem estabelecimentos de venda de roupa pronta a usar e não existe procura por parte do público em geral.

O género de vestuário pretendido para os marinheiros carenciados não é o mesmo que o usado pelos habitantes da ilha, ainda que comprem roupas aos marinheiros sem escrúpulos quando as vendem por preços mais baixos do que o seu custo, e por isso esses artigos não são vendáveis aos locais com lucro, pelo que ninguém os importa.

Portanto, o negócio da roupa está totalmente dependente dos pedidos do consulado (19/20 é proveniente do consulado) e a margem de lucro tem de ser necessariamente maior do que a que seria num negócio em maior escala de modo a compensar quem o promove pelo tempo e pelo trabalho que dá.

V. estará ciente da minha posição social aqui, mas como o Departamento não me conhece não será irrelevante declarar que não sou negociante de roupas e que o seu antecessor, o Senhor Dabney, me pediu há nove anos, como seu genro, para assegurar o negócio das roupas por forma a que pudesse ficar descansado quanto a não haver fraude ou qualquer irregularidade, contra a sua vontade. Nestes termos, entrei com o capital, fiz as aquisições e fiquei sempre responsável por quaisquer defeitos e recebi os pagamentos pelas roupas vendidas, indo parte do montante para o Senhor Figueiredo, dono da casa fornecedora das roupas e quem emitia as facturas.

Este arranjo ainda continua, se for do seu acordo.

Aponte para um lucro de 25% das vendas, abaixo do que não seria compensador, com base num cálculo anual entre os \$2.000 e os \$3.500. A margem de lucro varia com o volume bruto das vendas e ao fixar os preços para o ano seguinte é impossível dizer exactamente qual será o lucro, sobretudo porque os preços dos materiais tanto podem subir como descer.

Em 1868 escalaram este porto 88 navios americanos e 61 eram navios baleeiros (de onde desembarca a maior parte dos marinheiros incapacitados) e ficaram 138 homens a cargo do consulado dos Estados Unidos.

Em 1869 escalaram o porto 87 navios americanos (dos quais 78 baleeiros) com 181 marinheiros a cargo do consulado dos Estados Unidos, havendo nessa altura grande dificuldade em repatriá-los.

Por consequência houve um grande consumo de roupas e pensei que os preços podiam baixar. Reduzi alguns no decorrer do último trimestre de 69 e tendo achado que o ano seria um bom ano de negócios, resolvi reduzir outros também para 1870.

Contudo, foi um grande erro. Durante o ano de 1870 só fizeram escala no porto 43 navios americanos, dos quais apenas 29 eram navios baleeiros. Como o número de marinheiros incapacitados é como uma bola de neve, o valor do aumento do rácio em

função do acréscimo no aliciamento à deserção e uma maior dificuldade em prender os desertores quando há um número grande, o número de marinheiros incapacitados a cargo do consulado terá alcança uns 59 e, tendo ainda havido frequentes oportunidades de os repatriar, a sua estada foi curta e o consumo de roupas reduzido.

Como resultado, o volume total das vendas de roupa para 1870 atingiu apenas \$1.207,30 e calculando o stock imobilizado no final do ano num valor de \$1.061,54 (que não teria venda se o negócio não tivesse continuidade) o saldo final, após dedução dos custos com as mercadorias e a confecção das roupas, fica apenas em \$134,94 para cobrir a remuneração ao Senhor Figueiredo pelos serviços, assim como o juro do capital aplicado e seguro, e isto já sem falar dos meus serviços.

Isto é tão manifestamente inadequado que ninguém ficará surpreendido por eu desejar aumentar os preços para 1871 e como já lhe dei a conhecer verbalmente, voltarei aos preços praticados em 1868/69 para alguns dos artigos que foram reduzidos em 1870.

Com o maior respeito,

Vosso,

George S. Oliver

#### DOCUMENTO 54

Despesas administrativas. Um caso judicial por agressão de um marinheiro a um a polícia. Marinheiros retidos para repatriamento.

Original: IAC, *Correspondência dos Cônsules dos Estados Unidos nos Açores*, CD2, Rolo 7, n.ºs 210 a 213

Consulado dos Estados Unidos nos Açores

Faial, 4 de Janeiro de 1872

Ilustre C. Bancroft Davis  
Secretário de Estado Adjunto  
Washington

Senhor,

Tenho a honra de remeter ao departamento do Tesouro e ao Departamento de Estado em Washington os meus mapas e relatórios trimestrais e as contas do trimestre findo em 31 Dezembro de 1871 e saquei sobre o Secretário de Estado o valor de \$2.196,23 relativos a apoio a marinheiros incapacitados. Há um saldo contra mim relativo a salário ascendendo a \$83,63 por conta da diferença das taxas recebidas. Na conta de diversos só há uma despesa de alguns impressos feitos aqui e que achei necessário adquirir para uso imediato, somando \$7,71.

Faço algumas considerações: o marinheiro W. H. Boyle do navio baleeiro americano *Benjamim Cummings*, estando em terra com licença no dia 8 de Setembro, teve a infelicidade de agredir um polícia, sendo levado para a prisão. As autoridades recusaram libertá-lo sob qualquer condição. Em resultado, acabou por se evadir da prisão, mas foi

de novo capturado e desde então tornou a fugir e uma vez mais foi preso. As leis portuguesas consideram crime fazer prejuízos na cadeia e, por isso, Boyle aguarda julgamento no próximo mês de Maio quanto a essa acusação. Tentei que fosse julgado na Sessão de Novembro do tribunal pelas duas acusações contra ele, mas não consegui, pois o procurador alegou não ser possível preparar os documentos a tempo. Portanto será julgado no próximo mês de Maio pelas três acusações do que poderá resultar pena de semanas ou meses de prisão. Como a verba concedida nas prisões portuguesas para sustento é apenas de seis cêntimos por dia, o que é uma condenação à fome, desde o começo que abonei ao dito Boyle mais dezasseis cêntimos por dia que é o valor habitualmente concedido aos desertores, e ainda algumas roupas. Espero que a minha preocupação no caso presente seja aprovada.

Em dois ou três casos proporcionei a marinheiros desertores, com saúde deficiente, alimentação e alojamento como para desembarcados, a 40 cêntimos por dia, para os manter fora do hospital onde as despesas seriam muito mais elevadas.

A barca americana *John Freeman*, capitão Asa Baker, foi condenada e desmantelada aqui em Outubro passado. A bordo estava [a tonage passenger], um marinheiro americano de nome Spiro Agnes repatriado no mesmo navio pelo consulado em Estocolmo. O cap. Baker detinha um certificado de transporte no *John Freeman* no valor de \$10,00 pela passagem daquele marinheiro. Como aquele navio não pode completar a viagem e fazer entrega do marinheiro Agnes no destino, tive de recebê-lo a cargo do consulado. O capitão Baker entregou-me o referido certificado de \$10,00 para ser cancelado e para dar conhecimento ao Departamento do Tesouro, o que agora faço remetendo-o.

No trimestre, um número invulgar de marinheiros desembarcados ficou a cargo do consulado, proveniente de navios condenados e sem o adiantamento de três meses de salários, ou seja do *John Freeman* e *William & Henry*. Em ambos os casos tinham numerosas tripulações e não pagaram quaisquer adiantamentos. Mas no caso da barca *Lucy A. Nichols*, desmantelada aqui e com o desembarque da tripulação no trimestre anterior, tive sorte ao receber os adiantamentos que lhes eram devidos, suficientes para os repatriar e pagar as despesas em que o consulado teria de incorrer, e muitos dos homens partiram dentro do trimestre em curso. As contas das passagens e os recibos dos marinheiros serão remetidos no último trimestre.

Como se verá, uma grande parte dos marinheiros enviados ficaram por sua conta, reduzindo bastante os encargos. Algumas vezes os capitães, como condição para transportarem marinheiros repatriados, apenas pelos seus serviços, exigem vestuário impermeável para os homens para permitir fazerem turnos sob mau tempo. Isto explica os vários recibos deste vestuário.

Ultimamente descobri o meu primeiro fornecedor a vender roupa [?] e imediatamente o despedi nomeando outro que, estou certo, não agirá do mesmo modo. Poderia melhorar fazendo a importação, mas isso implicaria capital de que eu não poderia receber compensação por adiantar o investimento. As despesas têm sido de facto elevadas no trimestre, e superiores a qualquer trimestre no decorrer da minha administração. Isto deve-se, de algum modo, aos muitos marinheiros serem do piorio e do mais descuidado que já tive a meu cargo. Muitos venderam as roupas para obter bebida a ponto de aparecerem nas ruas quase nus. Assim ficaram até chegarem o frio e as chuvas de Inverno altura em que tiveram de voltar a receber vestuário pois, caso contrário, em breve se tornariam um encargo por irem para o hospital. Nalguns casos, nos dias frios de Dezembro, vestuário recebido segunda vez, tornava a ser vendido. Em dois casos foram deixados homens quase nus no hospital, mantidos de cama. Claro que é difícil encontrar capitães disponíveis para aceitar marinheiros tão sem préstimo a bordo dos

seus navios, para repatriamento, e por isso permanecem mais tempo a cargo do consulado do que quaisquer outros. A razão porque sobre o serviço na marinha americana recai uma tal maldição, de ter marinheiros mais degradados do que os de qualquer outro país do mundo, será porventura pelas causas que constam do anterior relatório.

Por fim, no Inverno, todos os navios consignados para este porto, quer americanos quer estrangeiros, regressam com contratos de carga de fruta pelo que não transportam passageiros a preço algum, excepto se foram obrigados a levar [?] casos em que se tem de contornar a lei, o que o cônsul tem de ignorar. Isto explica a razão pela qual os marinheiros se matem aqui tanto tempo no Inverno na estação da fruta, desde Outubro a Abril.

De V. Ex.a,

J. C. Cover  
Cônsul dos Estados Unidos

#### DOCUMENTO 55

Movimento de navios baleeiros e encargos com tripulantes no porto da Horta a cargo do consulado.

Original: IAC, *Correspondência dos Cônsules dos Estados Unidos nos Açores*, CD2, Rolo 8, n.ºs 71 a 73

Consulado dos Estados Unidos nos Açores

Faial, 26 de Julho de 1876

Ilustre John L. Cadwalader  
Secretário de Estado Adjunto  
Washington

Senhor,

Tenho a honra de pedir a V. atenção para umas quantas questões associadas com as minhas contas do 4.º trimestre do ano passado que, junto com os mapas, se encontram agora prontas para envio.

Esta última conta mostra ter sido um trimestre com custos elevados para o consulado do Faial, apesar dos meus esforços para repatriar, o mais depressa possível os marinheiros que num período [?].

A frota baleeira fez-se ao mar em grande número no Verão passado e como seria inevitável, numerosos desertores procuraram protecção. Muitos dos navios baleeiros receberam ordens para escalar S. Miguel a título experimental e alguns dos navios perderam lá a maior parte dos tripulantes por deserção, apesar dos esforços do agente consular para evitar o mal. Junto remeto uma cópia da sua correspondência para mim, datada de 31 de Dezembro, que revela a dimensão do problema.

De 82 homens incluídos nos meus mapas, quer desembarcados, desertores ou enviados para aqui pelos agentes, apenas restam seis, um deles na prisão a aguardar sentença por ter agredido um polícia e cinco desertores aguardando próxima oportunidade. Os setenta e seis foram repatriados como consta a seguir:

Enviados em navios americanos de acordo com a lei de 28 de Fevereiro de 1803	26
17 enviados no <i>Addison</i> como passageiros	
1 pelo <i>Kate Williams</i> e 6 pelo <i>M. L. Lee</i> a \$24 dólares	24
Enviados para Lisboa a \$13,73	8
Morreu 1 e ficou 1 por sua conta	2
Embarcados nos termos das normas de vários navios com salário ou para trabalharem pelas passagens	<u>16</u>
	76

Saquei sobre o Departamento pelo saldo da minha conta-corrente \$2.376,33 no qual se inclui o saldo da conta das despesas de apoio, em dívida ao agente consular de S. Miguel no valor de \$947,28.

Respeitosamente,

Vosso humilde servidor,

S W Dabney  
Cônsul dos Estados Unidos

#### DOCUMENTO 56

Concentração de marinheiros desembarcados em S. Miguel e dificuldades de transporte.

Original: IAC, *Correspondência dos Cônsules dos Estados Unidos nos Açores*, CD2, Rolo 8, n.ºs 154 a 157

Consulado dos Estados Unidos nos Açores

Faial, 14 de Dezembro de 1876

Ilustre John L. Cadwalader  
Secretário de Estado Adjunto  
Washington

Senhor,

Tenho a honra de incluir a cópia de um despacho recebido do agente consular em S. Miguel datado de 24 de Novembro no qual sou informado de um grande número de marinheiros incapacitados a seu cargo e da total falta de transporte para os repatriar.

Perante isto, mandei chamar imediatamente o capitão da escuna americana *A. L. Fabens*, de Newburyport, que aguardava neste porto um carregamento de laranja, conseguindo fazer um contracto com ele para levar para Boston todos os homens que eu reunisse, excluindo uns poucos a que ele é obrigado por lei a transportar à tarifa de vinte e quatro dólares/ouro americanos acima de cinquenta, e vinte e cinco dólares/ouro americanos por passagem se forem menos do que cinquenta, desde que eu procedesse ao pré-pagamento de um número suficiente de passagens para lhe permitir adquirir as provisões necessárias.

Concordei neste aspecto, considerando as suas condições razoáveis e tomo a liberdade de remeter cópia da carta do capitão confirmando o acordo, bem como uma carta recebida pelo agente consular em S. Miguel, do capitão da barca britânica *Modesta* que se encontrava ali a embarcar passageiros para Boston, e a minha decisão será melhor compreendida e as dificuldades no modo de obter transporte para eles, apreciadas.

É raro que para os passageiros de coberta entre estas ilhas e os Estados Unidos, as passagens fiquem abaixo dos trinta dólares nos meses de Inverno, enquanto que de Boston para os Açores, seja aquele preço em todas as estações.

Considero ter tido muita sorte em libertar o consulado de todos estes homens desta maneira, e terei o maior prazer em saber que isto merece a aprovação do Departamento. Acrescentarei que não tendo podido conseguir do capitão Harris ir a S. Miguel para receber os homens, fui forçado a mandar buscá-los lá pelo vapor da mala que liga estas ilhas e Lisboa.

Com toda a consideração,

Vosso humilde servidor,

S W Dabney  
Cônsul dos Estados Unidos

#### DOCUMENTO 57

Dificuldades para alojamento e repatriamento de marinheiros retidos em S. Miguel.

Original: IAC, *Correspondência dos Cônsules dos Estados Unidos nos Açores*, CD2, Rolo 8, n.ºs 158 e 159

Agência Consular dos Estados Unidos

S. Miguel, 19 de Novembro de 1876

Para  
Senhor Sam. I W. Dabney  
Cônsul dos Estados Unidos  
Faial

Senhor,

Tenho de informar que tenho sob a responsabilidade desta Agência Consular cinquenta desertores de navios baleeiros e nove marinheiros da barca *Spartan*, condenada. Tenho tentado conseguir emprego para estes homens que desertaram, mas em virtude da sua conduta desordeira, em muitos casos, tenho dificuldade em colocá-los. As comunicações com a América são pouco frequentes e não consigo antever como é que me vou ver livre deles e é igualmente difícil convencer qualquer pessoa a embarcá-los, tendo estado muitos deles na cadeia devido aos seus modos conflituosos. Também não têm qualquer roupa e chegam ao consulado quase nus. Chamo a V. atenção para a situação em que me encontro e informe o Chefe da Repartição do Tesouro na medida em que as despesas com apoio são elevadas.

Respeitosamente,

Vosso humilde servidor,

Assinado, Thomas E. Ivens

#### DOCUMENTO 58

Encargos elevados e dificuldades em lidar com marinheiros a repatriar e com o grande número de desertores.

Original: IAC, *Correspondência dos Cônsules dos Estados Unidos nos Açores*, CD2, Rolo 8, n.ºs 168 a 173

Consulado dos Estados Unidos nos Açores

Faial, 20 de Janeiro de 1877

Ilustre John L. Cadwalader  
Secretário de Estado Adjunto  
Washington

Senhor,

Tenho a honra de remeter os mapas do 4.º trimestre e informo que nesta data saquei sobre o Departamento \$3.527,59, saldo da minha conta-corrente.

Os elevados encargos do trimestre devem-se, sobretudo, às desastrosas deserções dos navios baleeiros na ilha de S. Miguel, ascendendo o saldo da conta da agência consular a \$1.965,16, além de ter sido forçado a pagar adiantadamente, como informei na minha correspondência de 14 de Dezembro, \$350,00 pelas passagens de 14 homens enviados daquela ilha.

A ilha de S. Miguel tem sido procurada a título experimental, nos dois últimos Verões, como porto de apoio por muitos dos nossos navios baleeiros, mas está a tornar-se tão impopular para os proprietários que tenho razões para acreditar que na próxima época as coisas se passarão de modo muito diferente.

Os navios ficam ali junto à costa, do lado de dentro da doca, o que permite às tripulações enorme facilidade para desertarem e, sendo a ilha relativamente grande, uma vez nos campos e acolhidos pelos camponeses como sucede em geral, dificilmente são apanhados.

O Senhor Ivens, o agente consular, esteve prestes a demitir-se do cargo no ano passado de 1875 e tornou a referir isso já nesta época, tais são os aborrecimentos a que tem de sujeitar-se ao lidar com estes homens. No entanto, sabendo que ali não há mais ninguém tão habilitado para exercer o cargo, consegui convencê-lo a manter-se, na esperança que o mal em breve termine.

A sorte favoreceu-me ao ter a possibilidade de enviar 48 homens, incluindo 5 mandados das Flores que constavam dos registos do consulado durante o último trimestre como mostra o esboço seguinte:

Enviados pela barca <i>Kate Williams</i> em 5 de Outubro	6
Enviados pela barca <i>Azor</i> em 2 de Novembro	<u>8</u>
	14
Enviados para Cabo Verde gratuitamente	1
Enviado para Inglaterra	1
Embarcados em vários navios como marinheiros	20
1 morto. Não se apresentou	2
À sua responsabilidade	4
Embarcados aqui tendo deixado de estar matriculado, sem encargos	2
Embarcados pela escuna <i>A. L. Fabens</i> em 16 de Dezembro	<u>2</u>
	46
Permanecem no hospital (enviados de S. Miguel)	<u>2</u>
	48

Um homem, Maurice Bernard, por demissão, foi alegadamente desembarcado na noite de 22 de Novembro na costa do Pico do navio baleeiro *California*, de New Bedford, mas não me foi possível verificar as suas declarações. O *California* não deu entrada em qualquer dos portos das ilhas deste grupo, tanto quanto me foi possível saber.

Esprei poder obter emprego para desertores nas obras da doca que começaram recentemente e assim poupar na sua manutenção, mas o engenheiro director, passadas duas ou três semanas, informou-me que os homens não eram adequados àquele tipo de trabalho, e além do mais eram conflituosos. Eu tinha aconselhado ao Senhor Ivens a tentar este método em S. Miguel, mas ele informou ter tido lá a mesma dificuldade. Assumi que devia ser apoiado ao recusar abonar desertores para os quais pudesse arranjar trabalho, com o fundamento de que naquelas condições eles deixavam de ser carenciados.

Estou confiante que a maneira como tenho agido com as dificuldades que me são colocadas merecerão a V. aprovação.

Respeitosamente,

Vosso humilde servidor,

S W Dabney  
Cônsul dos Estados Unidos

DOCUMENTO 59

Perspectivas de comércio entre os Açores e os E.U.A.

Original: IAC, *Correspondência dos Cônsules dos Estados Unidos nos Açores*, CD2,  
Rolo 8, n.ºs 236 a 238

Consulado dos Estados Unidos nos Açores

Faial, 29 de Novembro de 1877

Ilustre J. W. Seward  
Secretário de Estado Adjunto  
Washington

Senhor,

Tenho a honra de acusar a recepção do despacho anexo datado de 16 de Agosto pedindo informação susceptível de levar ao desenvolvimento do comércio entre os Estados Unidos e os Açores, e informo que não demorarei a minha resposta nos termos da autorização dada, pois que a demora não me permitiria alcançar os fins desejados.

Os três principais consumidores de produtos estrangeiros neste grupo são as ilhas Terceira, S. Miguel e Faial com comunicação permanente, se não mesmo frequente com os Estados Unidos. Até há pouco a balança comercial foi contra o nosso país e os negociantes destas ilhas procuravam artigos nos quais aplicavam os seus fundos, na certeza de um retorno livre de custos.

Agora, contudo, o baixo preço dos tecidos de algodão nos Estados Unidos tem conduzido ao objectivo desejado e aqueles artigos têm tendência a suplantarem os de idêntica qualidade que se importam aqui, vindos da Grã-Bretanha.

Alguns artigos, tais como máquinas de costura, mobiliário barato etc. estão gradualmente a entrar, mas a procura ainda é reduzida.

Tendo em consideração os limites deste mercado e o número relativamente elevado de negociantes empenhados em fazer negócio, penso que nenhuma diligência pode ser levada a cabo com resultados significativos.

Tendo em conta os desejos do Departamento, manter-me-ei atento, em qualquer caso, informando qualquer dado a ter em conta que possa interessar.

Respeitosamente,

Vosso humilde servidor,

S W Dabney  
Cônsul dos Estados Unidos

DOCUMENTO 60

Sobre taxas de tonelagem

Original: IAC, *Correspondência dos Cônsules dos Estados Unidos nos Açores*, CD2,  
Rolo 8, n.º 240

Consulado dos Estados Unidos nos Açores

Faial, 3 de Dezembro de 1877

Ilustre J. W. Seward  
Secretário de Estado Adjunto  
Washington

Senhor,

De acordo com as instruções recebidas no V. despacho de 1 de Setembro, tenho a honra de junto remeter o relatório apresentando taxas de tonelagem aplicadas aos navios que dão entrada no porto da Horta.

Respeitosamente,

Vosso humilde servidor,

S W Dabney  
Cônsul dos Estados Unidos

Nota das taxas de tonelagem aplicadas aos navios portugueses e estrangeiros no porto da Horta, Faial, Açores.

Todos os navios portugueses ou estrangeiros dando entrada no porto da Horta, desde que o façam para fins de comércio, ficam sujeitos à taxa de tonelagem de 100 réis por metro cúbico, e mais 25 réis por metro como taxa de saúde.

No caso de não darem entrada para fins de comércio, podem embarcar até 4 passageiros, mediante pagamento de 4.000 réis tendo 100 metros cúbicos de capacidade; até 200, pagam 5.000 réis e acima de 200, pagam 6.000 réis.

Os vapores pagam apenas 30 réis por metro cúbico e mais 7 réis e ½ de taxa de saúde. Os navios de todas as classes e de todas as nações que tenham de ficar de quarentena ficam sujeitos ao pagamento de 10 réis por metro cúbico por dia, o que não poderá exceder, em nenhum caso, 15.000 réis para os navios à vela e 25.000 réis para os vapores, o que será excedido apenas quando o navio fique de quarentena em portos onde sejam aceites livremente.

Os navios que dêem entrada para reparações podem vender a carga para pagar as despesas sem pagar tonelagem ou despesas de saúde. Os navios portugueses ou

estrangeiros que tenham dado entrada num porto português, e devam seguir para outros, quer para depositar toda ou parte da carga, ou para a beneficiar ou completar, apenas têm de pagar as taxas de tonelagem e de saúde no primeiro porto, desde que apresentem o necessário documento de prova de que assim procederam.

Os navios portugueses ou estrangeiros que entrem em portos portugueses para reparações e que não se envolvam em actividades de comércio, ficam isentos de taxas de tonelagem e de saúde.

Os navios de guerra estão isentos destas taxas e os navios baleeiros apenas ficam sujeitos ao pagamento de 4.000, 5.000 ou 6.000 réis em função da tonelagem, quando façam transacções com terra.

Os navios à vela despachados para portos portugueses e que cheguem sem Carta de Saúde, ficam sujeitos a taxa de saúde de 15.000 réis; os vapores a 25.000 réis e ambos a uma multa de 10.000 réis por cada 100 metros cúbicos, desde que venham de portos limpos. Se procederem de portos suspeitos ou infectados, aquelas taxas dobram, mas a multa aplica-se, ainda que não deva exceder 100.000 réis no primeiro caso e 200.000 no segundo. Em caso de repetição da mesma infracção a multa é de 300.000 réis.

## DOCUMENTO 61

Acréscimo de despesas com marinheiros desembarcados devido ao elevado número de escalas de navios baleeiros.

Original: IAC, *Correspondência dos Cônsules dos Estados Unidos nos Açores*, CD2, Rolo 8, n.ºs 258 a 264

Consulado dos Estados Unidos nos Açores

Faial, 7 de Fevereiro de 1878

Ilustre J. W. Seward  
Secretário de Estado Adjunto  
Washington

Senhor,

As contas e mapas de S. Miguel relativas ao 4.º trimestre de 1877, que aguardei como informei a 11 de Janeiro, já chegaram pelo que me apresso a remetê-los com os meus.

Saquei o saldo da minha conta-corrente de \$3.789,64 a meu favor, e ao mesmo tempo que lamento ser tão elevado, permito-me informar que inclui \$832,00 que se referem a um pré-pagamento que tive de fazer para as passagens de marinheiros incapacitados, assim como \$492,86 do saldo da conta do Senhor Ivens.

Os Açores foram visitados no último trimestre de 1877 por muitos navios baleeiros que entraram com a finalidade de dar às tripulações algum tempo em terra e, por isso, o consulado ficou sobrecarregado com um grande número de homens.

Como pode ver-se, os mapas mostram 151 homens, dos quais apenas sete transitaram do trimestre anterior. Daqueles, 43 desertaram nesta ilha e receberam apoio e outros mais foram presos e postos a bordo dos navios, enquanto a outros foi recusado apoio com fundamento adequado. nenhuns cuidados deixei de dedicar na tentativa de evitar a

deserção, prendendo tantos quantos foi possível e, por fim, ao enviar os homens rapidamente evitaram-se gastos. Para o último objectivo contratei no final de Outubro com o capitão da escuna americana *Silver Heels*, para transportar para Boston todos os homens, além dos dois que é obrigado a levar nos termos da lei, pagando à razão de \$28 com adiantamento das passagens de quatro homens para lhe permitir completar as provisões necessárias. De novo, no começo de Dezembro, consegui convencer, não sem dificuldade, o capitão da escuna inglesa *Rubina* que escalou este porto em lastro para reparações, em viagem para St. Johns, para levar a Boston 59 homens a \$30, tendo de adiantar a passagem de 24, também para adquirir provisões.

Dos 151 homens incluídos nas contas e mapas, 29 deixaram de estar matriculados e 43 eram desertores no Faial; 4 sem matrícula e 70 desertores vindos de S. Miguel; 2 desertores e um clandestino enviado das Flores e ainda 1 desertor enviado de Tenerife, todos repatriados como segue:

Pagaram de sua conta (deixaram de estar matriculados)	7
Embarcados como marinheiros	14
Repatriados no navio USS <i>Kearsarge</i>	4
Repatriados a \$10	21
Repatriados a \$28	39
Repatriados a \$30	59
Repatriados para a Brava a \$16,80	2
Permanecem	<u>5</u>
	151

Perante o grande número de homens deixados ao cuidado da protecção do consulado, considero-me com sorte ter enviado estes tão depressa como consegui e isto deve-se à presença das referidas escunas.

Como é evidente do que acima fica dito, a maior causa de despesa para o consulado, já para não falar das preocupações, advém das numerosas deserções ocorridas em S. Miguel. Dos 75 homens que me foram enviados daquela agência, 71 eram desertores de 15 navios, e chamo para este facto a V. atenção. Tomo a liberdade de incluir uma cópia do despacho do Senhor Ivens de 4 de Dezembro em resposta ao meu sobre o assunto das deserções e sobre as sugestões dadas, como o único método que me tem ocorrido de lidar com esta verdadeira maldição nesta ilha, ou seja que seja pedido às autoridades pelo Governo Português para levarem a efeito a aplicação do artigo XI do Tratado existente entre aquele país e os Estados Unidos, nunca levado a cabo, quando se sabe que só um desertor de um total de 85 foi preso, como se diz na carta do Senhor Ivens.

Uma grande maioria dos homens enviados de S. Miguel estava [?], sem sapatos e casaco, em camisas de algodão.

Eu deveria estar de facto agradecido grato se alguns meios me pudessem ser sugeridos para reduzir estas deserções com a consequente poupança de pesados encargos para o nosso Governo e libertando-me de humilhações que aqueles que não as experimentam não imaginam, ao tratar com estes homens num local pequeno como este.

Já o importunei demasiado, ocupando o seu valioso tempo e não tratarei das causas das deserções nestas ilhas e das dificuldades encontradas para prender os fugitivos, mas faço referência ao relatório que elaborei sobre o assunto em Fevereiro de 1873.

Respeitosamente,

Vosso humilde servidor,

S W Dabney

DOCUMENTO 62

Sobre o embarque de jovens nas ilhas e a questão do recrutamento militar.

Original: IAC, *Correspondência dos Cônsules dos Estados Unidos nos Açores*, CD2,  
Rolo 8, n.ºs 457 a 461

Consulado dos Estados Unidos nos Açores

Faial, 20 de Maio de 1879

Ilustre J. W. Seward  
Secretário de Estado Adjunto  
Washington

Senhor,

Tenho a honra de acusar a recepção do despacho n.º 81 de 17 de Abril.

O assunto tratado nesse despacho é importante para a frota baleeira dos Estados Unidos e é de natureza a causar-me, por vezes, muita preocupação e desconforto.

A questão é inegável quanto ao facto dos capitães dos nossos navios baleeiros receberem a bordo, nestas ilhas, jovens que não são portadores de licença para embarcar, ou seja, homens com obrigação de cumprirem serviço militar.

No entanto, como informei o Senhor Moran, o mal é de difícil remédio.

Tais navios partem por vezes dos portos de origem com falta de mão-de-obra, para completar no decorrer da viagem e, com mais frequência, ficam sem gente devido às deserções.

Em comparação, são poucos os naturais destas ilhas que, podendo obter passaporte, se interessam por embarcar nos navios baleeiros, ficando a questão em saber como vão estes capitães encontrar homens que permitam levar a cabo a viagem a que se comprometeram.

A grande maioria destes capitães preferiria embarcar homens devidamente legalizados e conheci muitos que esperaram dias e dias para o conseguirem, sem sucesso. Pode imaginar-se que, ao encontrar [?] acabam por receber uns tantos rapazes inquietos por embarcar e de cujos serviços tanto precisam. De vez em quando, embora seja raro, os transgressores são apanhados e seguem-se então as situações desagradáveis e as multas. Tenho tido a preocupação de avisar os capitães dos navios que vêm a este porto e pela minha intervenção evitado algumas penalizações, mas o seguinte relato de um caso ocorrido no último Verão, persuadi-lo-á da dificuldade em impressionar estes homens.

O capitão G. B. Borden da barca baleeira *Daniel Webster* veio procurar-me por volta do dia 22 de Setembro antes de lançar ferro e deu-me a saber que tinha a bordo como marinheiros dois rapazes que tinha embarcado sob certas condições e que não estavam matriculados no seu navio, pelo que me pedia conselho.

A minha resposta foi categórica: “não lance ferro até desembarcar esses homens”.

Passadas algumas horas depois do *Daniel Webster* ancorar e quatro dias mais tarde, o Presidente da Câmara pediu para fazer uma busca ao navio por suspeitar que estavam “clandestinos” a bordo.

Mandaram chamar o capitão e foi feita uma busca e, para minha grande surpresa, encontraram dois rapazes que não estavam matriculados a bordo, sendo mandados para terra.

Tinha havido tempo para desembarcar meia centena de rapazes e se o capitão tivesse ouvido o meu conselho não teria tido problemas; ao não me escutar foi obrigado a apresentar caução de 500\$000 réis, sendo depois o processo decidido contra ele.

Um navio pertencendo aos mesmos proprietários foi multado pelas mesmas razões há três anos e o facto foi largamente divulgado entre os capitães dos navios baleeiros.

O melindre da minha posição fica claro, mas garanto a V. que estou sempre firmemente alerta para evitar problemas desta, ou de outra qualquer espécie, e defenderei [?] em conformidade com as instruções agora recebidas do Departamento.

Respeitosamente,

Vosso humilde servidor,

S W Dabney  
Cônsul dos Estados Unidos

## DOCUMENTO 63

Sobre o pagamento de abonos a marinheiros.

Original: IAC, *Correspondência dos Cônsules dos Estados Unidos nos Açores*, CD2,  
Rolo 8, n.ºs 484 a 487

Consulado dos Estados Unidos nos Açores

Faial, [22] de Setembro de 1879

Ilustre J. W. Seward  
Secretário de Estado Adjunto  
Washington

Senhor,

Tenho a honra de acusar a recepção do despacho n.º 86 de 21 de Agosto, acompanhando cópia de uma carta dirigida ao Ilustre Secretário de Estado, por Edward E. Dixon e na qual sou solicitado a dar esclarecimentos.

Os termos em que a carta está escrita afirmam o seguinte: que foi desembarcado do navio baleeiro *Adeline Gibbs* e que a soma de \$36,00 me foi paga por isso; que lhe concedi um abono diário de 80 cêntimos e que o repatriei no brigue americano *Rescue* e que, por fim, deseja saber se não tem direito a parte do dinheiro, nos termos da lei.

O que a seguir afirmo corresponde à versão correcta da questão:

Edward E. Dixon deixou de fazer parte da tripulação do *Adeline Gibbs* por mútuo acordo e sobre a sua reclamação dos dois meses de salário, apenas um mês, no valor de \$15,00 foi recebido, tendo o capitão pago a pensão até à data da partida, bem como os \$10,00 pela sua passagem de regresso aos Estados Unidos no *Rescue*, para o que entreguei a este último uma ordem de pagamento sobre o Tesouro.

Ambas as quantias estão a crédito do Governo na minha conta-corrente do trimestre findo a 30 de Junho já enviada, mas para que tudo fique perfeitamente claro, remeto junto cópias da conta do consulado contra o *Adeline Gibbs* e o certificado dos dois meses de salário extra emitido pelo dito Dixon.

Tivesse o E. E. Dixon melhor memória, e não teria sido necessário incomodar o Departamento.

A pensão foi paga no escritório do consulado à razão de 48 cêntimos e não 80 cêntimos, como declara, e logo depois recebida do capitão do *A. Gibbs*.

Posso referir que, como é prática nos navios baleeiros, a tripulação recebe uma parte da pesca feita e, por conseguinte, não existe salário, pelo que o cálculo estabelecido para o desembarque de tripulantes que deixam de estar matriculados, nos termos dos regulamentos consulares de 1874, era de \$15,00 por mês.

Respeitosamente,

Vosso humilde servidor,

S W Dabney

Cônsul dos Estados Unidos

#### DOCUMENTO 64

Sobre o movimento de importação e exportação entre o Faial e os E.U.A.

Original: IAC, *Correspondência dos Cônsules dos Estados Unidos nos Açores*, CD2, Rolo 8, n.ºs 508 a 511

Consulado dos Estados Unidos nos Açores

Faial, 10 de Novembro de 1879

Ilustre J. W. Seward  
Secretário de Estado Adjunto  
Washington

Senhor,

Tenho a honra de submeter à apreciação os mapas do ano fiscal findo a 30 de Junho de 1879, ou seja, do movimento de navegação, exportações e importações e do comércio com os Estados Unidos.

Os resultados do comércio entre esta ilha e os Estados Unidos, em comparação com os do ano anterior, divergem sobretudo no que respeita aos cereais importados e aos artigos de palha exportados.

Os cereais importados no ano que terminou em 30 de Junho de 1879

atingem	\$108.092,69
enquanto que no passado alcançaram apenas	<u>21.468,27</u>
o que representa um decréscimo de	\$ 86.624,40

Este grande decréscimo tem origem nas colheitas abundantes no Outono de 1878, a que se seguiram dois anos de escassez.

De modo geral os Açores têm uma produção de cereais muito abundante.

O trabalho em palha exportado no ano fiscal de 1878, atingiu	\$ 11.740,82
enquanto que no último se situou em	<u>\$ 59.113,57</u>
ou seja mais	\$ 47.372,75

O aumento referido deveu-se a uma repentina procura de chapéus do Faial e de uma concorrência tão grande entre os compradores, que pode vir a ser prejudicial para o negócio.

O resultado, como foi previsto por entendidos, foi um quase total colapso no comércio dado que a procura quase cessou.

Como se verá pelos mapas, houve um aumento de importações na ilha com origem nos Estados Unidos e isto, segundo estou convencido, continuará na medida em que os vários artigos das nossas manufacturas começam a ser notados e a sua boa qualidade é apreciada. Todavia, presentemente, muitos são rejeitados pelo mercado português devido aos direitos serem mais elevados do que os aplicados nos mesmos artigos de outros países com tratados comerciais com Portugal. Já tive a honra de chamar a atenção para este assunto na minha carta de 11 de Setembro.

Respeitosamente,

Vosso humilde servidor,

S W Dabney  
Cônsul dos Estados Unidos

[Nota: os mapas não constam em anexo]

## DOCUMENTO 65

Sobre a situação da mão-de-obra no Faial e respectivos preços.

Original: IAC, *Correspondência dos Cônsules dos Estados Unidos nos Açores*, CD2, Rolo 8, n.ºs 513 e 515

Consulado dos Estados Unidos nos Açores

Faial, 14 de Novembro de 1879

Ilustre J. W. Seward  
Secretário de Estado Adjunto

Washington

Senhor,

Ao mesmo tempo que envio os mapas relativos aos custos dos salários da mão-de-obra qualificada e não qualificada nesta ilha do Faial, tenho a honra de informar que os mesmos valores nas outras ilhas são geralmente mais baixos devido ao facto de ter havido menos emigração do que aqui.

O preço de quase todos os tipos de trabalho neste local tem estado a subir desde há muitos anos mas, em minha opinião, terá alcançado agora um máximo em virtude da descida dos salários nos Estados Unidos, [dando lugar a um abrandamento] da emigração.

Da ilha de S. Miguel, onde se pode dizer que há um excesso de população, e onde o salário diário para mão-de-obra não qualificada desce para valores na ordem dos doze a catorze cêntimos, a emigração tem-se dado sobretudo para o Brasil, mas começa agora a divergir para as ilhas Sandwich, o que é estimulado pela oferta de passagens gratuitas pelo governo do Hawai.

Respeitosamente,

Vosso humilde servidor,

S W Dabney

Cônsul dos Estados Unidos

#### Faial, Açores

#### Valores dos Salários da mão-de-obra qualificada

Carpinteiro naval	a bordo	de	\$1,20 a \$1,80
“	“	de	0,70 a \$1,20
Carpinteiro de construção civil		de	0,50 a 0,80
Marceneiro		de	0,50 a 1,00
Ferreiro		de	0,80 a 1,20
[?]		de	0,60 a 1,00
Curtidores de peles			
Sapateiros		de	0,30 a 0,40
Alfaiates		de	0,30 a 0,40
Pedreiros		de	0,45 a 0,75
Estivadores		de	1,20 a 1,20
Artífices de velas	a bordo	de	1,30 a 1,50
“	\		
	em terra		

#### Não qualificada

Trabalhadores a bordo dos navios		de	0,60 a 0,80
“	em tarefas em terra	de	0,30 a 0,40
“	no trabalho do campo	de	0,30 a 0,40
“	nas hortas (em permanência)	de	0,24
Trabalhadores nas vinhas		de	0,15 a 0,18

DOCUMENTO 66

Sobre assistência hospitalar no Faial e seus encargos.

Original: IAC, *Correspondência dos Cônsules dos Estados Unidos nos Açores*, CD2,  
Rolo 8, n.ºs 606 a 609

Consulado dos Estados Unidos nos Açores

Faial, 3 de Novembro de 1880

Ilustre John Hay  
Secretário de Estado Adjunto  
Washington

Senhor,

Os mapas deste consulado do 3.º trimestre, que se atrasaram por razões que já informei no despacho n.º 244, estão em condições de seguir.

O saldo da conta-corrente no montante de \$280,82 é, novamente, contra mim mas uma vez que será necessário, no decorrer do presente trimestre, é transferido a débito.

Ao enviar os mapas do segundo trimestre, não referi que o médico inglês Dr. John Davies que se tem encarregado de assistir os marinheiros americanos desde 1838 e cujos honorários foram aprovados pelo Departamento a pedido do meu antecessor, o Senhor J. C. Cover, se demitiu. Desde então, aquele cargo tem sido desempenhado pelo Dr. M. d'Oliveira que é o médico mais experimentado no local, com honorários idênticos de 500 réis por dia. Entretanto, sobre este assunto, direi que os encargos no hospital do Faial, para os estrangeiros, são muito pesados. Em 1879 foi comunicado pelo Provedor ou Director, que a 1 de Julho o preço da pensão para estrangeiros seria aumentado de 720 réis para 1\$000 réis. Em resposta, contestei veementemente este aumento excessivo, declarando que no futuro evitaria enviar homens doentes para o hospital sempre que pudessem ser tratados no exterior, porque poderia fazê-lo de modo mais económico. Mantive esta posição o que deu os seus efeitos porque, em Junho passado, fui notificado que após 1 de Julho o preço ficaria em 700 réis. Todavia, enquanto que em anos anteriores o hospital dispunha de medicamentos a preços aceitáveis, agora são fornecidos por uma das duas drogarias locais a preços muitíssimo caros. Estes preços são fixados pelo Governo Português, e sei por experiência que não há alternativa. Felizmente, o número de homens agora a cargo do consulado, devido à escassez dos navios, é muito menor do que dantes e os meios de transporte para os Estados Unidos muito mais frequentes, pelo que as despesas hospitalares deixaram de ser um encargo pesado.

Respeitosamente,

Vosso humilde servidor,

S W Dabney  
Cônsul dos Estados Unidos

DOCUMENTO 67

Sobre o decréscimo do comércio de importação e exportação com as ilhas.

Original: IAC, *Correspondência dos Cônsules dos Estados Unidos nos Açores*, CD2,  
Rolo 8, n.ºs 614 a 618

Consulado dos Estados Unidos nos Açores

Faial, 15 de Novembro de 1880

Ilustre John Hay  
Secretário de Estado Adjunto  
Washington

Senhor,

Tendo concluído os meus mapas consulares do comércio do ano fiscal terminado a 30 de Junho de 1880, tenho a honra de os colocar à apreciação com as considerações que seguem.

O ponto mais interessante para nós, americanos, no que respeita às importações dos Estados Unidos, à primeira vista parece desfavorecer-nos em termos comparativos com o ano anterior, mas para que a comparação resulte correcta é necessário deduzir das importações desse ano o volume de cereais o qual, como declarei no meu despacho n.º 209 anexo aos mapas, foi circunstancial e devido à colheita invulgarmente má.

Essa correcção dá-nos um resultado dos dois anos quase idêntico.

Verifica-se este ano um decréscimo na importação de algodão no valor de \$5.894,55, o qual deve ser atribuído, principalmente, ao grande *stock* imobilizado no começo do ano. Acredito que, actualmente, o consumo de produtos americanos de algodão irá aumentar. A importação de peixe, principalmente de bacalhau, apresenta uma redução de \$5.081,24, mas a quantidade importada no decorrer do último ano não tem precedentes, não sendo fácil de contabilizar e não é provável que se repita. A forte incidência de direitos sobre o peixe, agrava o preço de venda para valores praticamente fora do alcance das classes mais pobres.

A comparação dos dois últimos anos mostra uma quebra no valor das exportações para os Estados Unidos, não inferior a \$42.743,16. Isto deve-se quase exclusivamente à situação do negócio de trabalhos em palha, o que eu já tinha previsto e havia referido no relatório de 1879. A queda, só para este artigo, atinge os \$41.149,72.

O comércio da laranja com os Estados Unidos também diminuiu num valor da ordem de \$3.325,28. Trata-se de um negócio virtualmente no fim, o que fica a dever-se aos fornecimentos da Florida e de outras proveniências mais adequadas.

Tenho consciência de que se trata de valores insignificantes e com reduzido significado. O mercado da ilha do Faial é pequeno e as suas exportações são limitadas, tanto em variedade como em valor.

Note-se que o montante das exportações do Faial para os Estados Unidos é consideravelmente maior do que o valor das exportações da ilha para o conjunto dos outros países, o que se deve ao facto dos valores do comércio serem apurados nos livros do consulado, enquanto que os outros são obtidos das estatísticas da Alfândega onde, evidentemente, constam valores mais baixos.

Respeitosamente,

Vosso humilde servidor,

S W Dabney  
Cônsul dos Estados Unidos

## DOCUMENTO 68

Sobre o comércio, artesanato e emigração dos Açores.

Original: IAC, *Correspondência dos Cônsules dos Estados Unidos nos Açores*, CD2,  
Rolo 8, n.ºs 799 a 802

Doc. Rolo 8, n.ºs 799 a 802

Consulado dos Estados Unidos nos Açores

Faial, 12 de Maio de 1882

Ilustre L. C. Bancroft Davis  
Secretário de Estado Adjunto  
Washington

Senhor,

Tenho a honra de colocar à V. consideração os mapas do comércio relativos ao ano civil de 1881. O meu último relatório abrangeu o ano fiscal terminado a 30 de Junho de 1880. Conforme referi no meu despacho de 17 de Janeiro de 1881, em razão de uma mudança do sistema, aparece um espaço vazio nas estatísticas da Alfândega e, por consequência, os meus mapas datam do começo do ano civil de 1881.

Uma comparação dos resultados do comércio entre o Faial e os Estados Unidos para o ano fiscal de 1880 e o ano civil de 1881, demonstra que, enquanto se dá um decréscimo no montante de \$33.034,20 no total das importações de todos os países, as importações dos Estados Unidos aumentaram \$3.889,46, e faz-se notar que o valor das importações dos Estados Unidos em 1881 quase iguala o de todos os países em conjunto, como se vê a seguir:

Total das importações em 1881	\$145.983,76
Valor das importações dos Estados Unidos	71.086,96

Portanto, num valor insignificante embora, a nossa proporção no comércio é satisfatória e os valores acima confirmam o que já afirmei antes ao Departamento, ou seja, que o comércio entre este local e o nosso país não necessita ser promovido, porquanto os

numerosos pequenos comerciantes envolvidos e as facilidades de comunicação nos meses de Verão, onde o mercado em proporção [?] dos negociantes caso houvesse, na verdade, um comércio intenso.

A redução no valor das importações em geral no ano de 1881 é vista como acidental e deve-se à excessiva importação do ano anterior.

As exportações para os Estados Unidos no decorrer de 1881 foram, como de costume, de reduzido valor, sendo os trabalhos de palha o principal artigo atingindo \$27.593,39.

A emigração dos Açores para os Estados Unidos, depois de um abrandamento tem aumentado rapidamente nos últimos dois anos, mas não posso apresentar estatísticas correctas pela simples razão de que uma boa parte dos emigrantes, devido às leis do recrutamento, não consegue obter passaporte e embarca clandestinamente.

Da ilha de S. Miguel onde muita gente das classes mais baixas e mais pobres não consegue obter dinheiro para tirar passaporte, números significativos, com apoio do governo do Hawaii, vêm embarcando para as ilhas Sandwich.

Respeitosamente,

Vosso humilde servidor,

S W Dabney

Cônsul dos Estados Unidos

#### DOCUMENTO 69

Aumento do número de navios baleeiros e de marinheiros desembarcados.

Original: IAC, *Correspondência dos Cônsules dos Estados Unidos nos Açores*, CD2, Rolo 9, n.ºs 12 e 13

Consulado dos Estados Unidos nos Açores

Faial, 24 de Outubro de 1882

Ilustre John Davis  
Secretário de Estado Adjunto  
Washington

Senhor,

Tenho a honra de junto remeter os mapas do consulado do trimestre findo em 30 de Setembro, e informo que nesta data saquei sobre o Departamento \$239,44, saldo que me é devido conforme conta-corrente.

A parte mais significativa da nossa frota baleeira no Atlântico Norte, após uma experiência na ilha de Tenerife, voltou este Verão ao Faial com a finalidade de baldear o óleo e para permitir aos tripulantes a vinda a terra e, naturalmente, a consequência foi que, em relação à época passada, um maior número de homens teve de ser apoiado. Porém, a sorte bafejou-me de várias maneiras e as despesas do trimestre com 53 homens

registados, para além da conta de abonos para apoio a marinheiros, das outras agências consulares das Flores e S. Miguel, ascendem apenas a \$524,44.

Respeitosamente,

Vosso humilde servidor,

S W Dabney  
Cônsul dos Estados Unidos

#### DOCUMENTO 70

Abandono da escala de Tenerife pelos navios da frota baleeira e acréscimo de marinheiros desembarcados nos Açores.

Original: IAC, *Correspondência dos Cônsules dos Estados Unidos nos Açores*, CD2, Rolo 9, n.ºs 39 e 40

Consulado dos Estados Unidos nos Açores

Faial, 27 de Janeiro de 1883

Ilustre John Davis  
Secretário de Estado Adjunto  
Washington

Senhor,

Tenho a honra de levar ao conhecimento de V. os mapas consulares do trimestre findo em 31 de Dezembro e informo que nesta data saquei sobre o Departamento o valor de \$1.273,31, saldo a meu favor conforme conta-corrente.

Considerando o número de homens que consta dos registos consulares do Faial para o trimestre, num total de 69, o valor total das despesas não é elevado. No entanto, em S. Miguel, com apenas 18 homens e todos desertores, a proporção das despesas, num valor de \$624,87, é muito elevada. Isto deve-se ao facto de a sua estadia ser muito longa e também porque todos eles precisavam de vestuário.

Os nossos navios baleeiros, ao desistirem de Tenerife como porto para baldeação do óleo e para permitir aos tripulantes irem a terra, voltaram nesta época aos Açores com aquelas finalidades e por isso o aumento de homens a necessitar de protecção.

Fiz todas as diligências para evitar a deserção, mas, como habitualmente, com reduzido sucesso.

Respeitosamente,

Vosso humilde servidor,

S W Dabney  
Cônsul dos Estados Unidos

## DOCUMENTO 71

Situação do comércio e relevância da “pesca” à baleia a partir da terra. Baleeiros dos Açores na frota americana.

Original: IAC, *Correspondência dos Cônsules dos Estados Unidos nos Açores*, CD2, Rolo 9, n.ºs 62 a 67

Consulado dos Estados Unidos nos Açores

Faial, 5 de Maio de 1883

Ilustre John Davis  
Secretário de Estado Adjunto  
Washington

Senhor,

Tenho a honra de remeter os relatórios relativos ao comércio do ano civil de 1882.

São a prova que se verificou aqui uma maior actividade comercial no decorrer do passado ano do que em 1881. A diferença positiva das importações entre os dois anos alcançou o valor de \$51.055,72 e a das exportações foi de \$11.521,36. Desta diferença nas importações, aos Estados Unidos cabem \$23.890,93 enquanto que do total das importações, de \$197.039,48, lhes respeita \$94.977,89, ou seja quase metade.

As exportações para os Estados Unidos, num total de \$32.845,37, correspondem quase aos mesmos valores que em 1881 e referem-se principalmente, como então, a artigos em palha. Para outros países o valor das exportações foi superior ao do passado ano devido principalmente à pesca costeira da baleia que teve início há alguns anos e que se tem desenvolvido de forma considerável mais recentemente.

Os botes e equipamento usado nesta pesca são de origem americana e os botes têm timoneiros e são tripulados, em parte, por homens que aprenderam a bordo dos nossos navios baleeiros.

O Governo Português deseja muito promover nestas ilhas açorianas uma indústria que produz um artigo de valor para exportação, pelo que isentou de direitos todos os artigos importados ou adquiridos para as armações.

A espécie capturada é, com poucas excepções, o cachalote – “*Physeter Macrocephalus*” – e o valor, comparativamente elevado, do óleo desta variedade, faz com que uma baleia grande possa valer na ordem dos três mil dólares.

Tive ultimamente ao prazer de poder, em circunstâncias muito favoráveis, entregar um esqueleto de um grande cachalote ao Museu de Anatomia Comparada de Paris, França, a pedido do Dr. G. Pauchet, o director da instituição.

Possivelmente não é do conhecimento geral, que uma parte significativa das tripulações dos nossos navios baleeiros é fornecida pelas ilhas dos Açores, e de forma particular pelas ilhas do Faial, Pico, Flores e Corvo que constituem a parte mais ocidental dos três grupos deste arquipélago, as quais têm sido, no último meio século o refúgio destes navios. Não se encontra uma única freguesia nas referidas ilhas que não tenha um número maior ou menor de baleeiros regressados, alguns dos quais foram promovidos a

trancadores e oficiais. Os baleeiros açorianos têm boa reputação nos portos baleeiros e, presentemente, não menos do que sete navios partindo dos Estados Unidos, são comandados por capitães nascidos nos Açores.

Desta maneira, e por muitas outras razões, os açorianos devem muito ao nosso país que, merecidamente, assume o primeiro lugar entre as nações estrangeiras na estima dos habitantes do grupo Ocidental.

A nossa frota está tão reduzida, que poucos destes ilhéus embarcam agora como marinheiros, mas há um fluxo constante de emigrantes para os Estados Unidos para onde vão juntar-se aos parentes e amigos, ficando sobretudo no Massachusetts e na Califórnia.

Estão agora envolvidas no comércio entre os Açores e os Estados Unidos, duas barcas sob bandeira americana; uma barca e uma escuna com bandeira inglesa e um bergantim com pavilhão português. No entanto há pouca carga na viagem de regresso aos Estados Unidos, para além do óleo desembarcado pelos nossos navios baleeiros para baldeação, e que actualmente está reduzido a uma pequena quantidade. Por outro lado, sendo o vapor muito mais do agrado dos passageiros, tem vindo a ser preferido à vela.

A construção da doca do Faial foi iniciada pelo Governo Português em 1876 e o que já foi construído até agora proporciona alguma protecção à navegação e os vapores, ao ser colocados bem no interior, podem tomar carvão de forma rápida com quase todas as condições de tempo.

Respeitosamente,

Vosso humilde servidor,

S W Dabney  
Cônsul dos Estados Unidos

[Os anexos não constam do processo]

## DOCUMENTO 72

Sobre a área consular dos Açores e sua estrutura. Relevância da frota baleeira americana.

Original: IAC, *Correspondência dos Cônsules dos Estados Unidos nos Açores*, CD2, Rolo 9, n.ºs 233 a 238

Consulado dos Estados Unidos nos Açores

Faial, 15 de Outubro de 1884

Ilustre John Davis  
Secretário de Estado Adjunto  
Washington

Senhor,

Tenho a honra de informar ter recebido a circular de 21 de Agosto emitida pelo Departamento, sobre a intenção de levar ao conhecimento do Congresso, na próxima sessão, relatório detalhado dos vários postos consulares, o que complementaria o relatório geral da última sessão, e pedindo ao corpo consular para apresentar os seus comentários sobre as respectivas áreas, para que o Departamento possa levar a cabo aquele objectivo.

Assim apresento a seguinte informação.

O consulado do Faial com as suas cinco agências, em tempos passados quando a nossa marinha mercante dominava os mares, assegurava um papel de certa importância. A sua relevância devia-se sobretudo à bela frota de navios baleeiros que ao longo dos meses de Verão procuravam o Faial para descarregar o óleo e proporcionar às tripulações uma ida a terra, para além de abastecer de frescos.

Eram muitas as tarefas que o cônsul era chamado a assegurar nesses dias, com disputas para regularizar, e um elevado número de homens a apoiar e a controlar, etc.

No Inverno, numerosos navios buscavam refúgio no Faial para desembarcar as suas cargas e reparar avarias e destes, mais de dois terços ostentavam a nossa bandeira.

Agora tudo mudou. A frota baleeira nestas águas estará reduzida, talvez, a uma décima parte do que costumava ser e a presença da nossa bandeira, excepto no que respeita aos dois navios no comércio entre os Estados Unidos e as ilhas, causa surpresa quando aparece a flutuar num navio mercante.

Em consequência, as obrigações do cônsul no Faial diminuíram muito em quantidade, ainda que, pela natureza das questões, permaneçam.

Na Primavera e Outono temos navios baleeiros em pequeno número com a habitual [?] de serviços e homens para serem apoiados e repatriados etc.

Outras obrigações, que não estão associadas à navegação, são serviços ocasionais a prestar, por exemplo, registos de certificados de naturalização de muitos ilhéus que estiveram nos Estados Unidos; estatísticas e relatórios pedidos pelo Departamento de Estado etc.

Na ilha de S. Miguel, Terceira, Flores, S. Jorge e Graciosa, onde existem agências consulares, as mudanças não se fizeram sentir de forma sensível, uma vez que eram portos menos frequentados por navios americanos. No ano de 1875, foi pedida a minha opinião quanto à possibilidade de suprimir as agências da Terceira, S. Jorge e Graciosa e a minha resposta foi no sentido de que o seu isolamento, nos meses de Inverno, quando os naufrágios podem ter lugar, tornava desejável a sua continuidade e, além do mais, a Terceira era uma das ilhas mais importantes do grupo onde se situava a Diocese e o comando militar.

A minha opinião permanece inalterada, ainda que as solicitações decresçam de ano para ano.

As exportações do Faial para os Estados Unidos em 1883, atingiram o valor de \$9.078,47, o que é um valor invulgarmente baixo, e que se refere principalmente aos artigos em palha.

Respeitosamente,

Vosso humilde servidor,

S W Dabney

Cônsul dos Estados Unidos

DOCUMENTO 73

Situação de assistência aos marinheiros e decréscimo da actividade da frota baleeira americana.

Original: IAC, *Correspondência dos Cônsules dos Estados Unidos nos Açores*, CD2, Rolo 9, n.ºs 568 a 572

Consulado dos Estados Unidos nos Açores

Faial, 28 de Janeiro de 1888

Ilustre George L. Rives  
Secretário de Estado Adjunto  
Washington

Senhor,

Tenho a honra de informar que nesta data junto os mapas consulares para o último trimestre de 1887 e saquei sobre o Departamento \$1.064,00, saldo da conta do apoio a marinheiros para o trimestre.

Nos últimos quatro meses o consulado do Faial tem tido a infelicidade de ser sobrecarregado com marinheiros necessitados de apoio e, conseqüentemente, a minha conta para o apoio a marinheiros é maior do que foi em qualquer dos trimestres dos anos antecedentes.

Os mapas mostram que no decorrer do passado trimestre foram registados nos livros do consulado, oitenta e um homens, dez dos quais ainda permanecem aqui aguardando oportunidade de repatriamento. Em tempos passados este número seria considerado pequeno, mas o colapso da pesca à baleia no Atlântico Norte, com a sua frota tão drasticamente reduzida, faz com que o número pareça grande.

E é grande considerando o pequeno número de navios que vieram até estas ilhas. Para além dos homens que receberam apoio, houve muitos desertores estrangeiros que não foram protegidos e também alguns americanos que foram apanhados e devolvidos aos navios.

De um só navio desembarcou um número não inferior a 18 desertores, e nenhum deles alegou razões justificativas. Apenas sucedeu que o navio estava em viagem apenas há quatro meses e os homens estavam em situação de débito, estando o preço do óleo baixo e tendo produzido pouco óleo e, por fim, que os homens, na maioria principiantes, ainda não estava adaptada ao desconforto da vida no mar e à disciplina indispensável a bordo do navio para segurança de todos.

Actualmente é praticamente impossível apanhar desertores uma vez que são muito protegidos pela gente do campo por toda a ilha e com a polícia pouco activa na sua busca, apesar da oferta de uma recompensa de 10\$000 Réis pela captura de qualquer fugitivo americano.

Todavia, estas deserções dos nossos navios baleeiros, em larga escala, com os gastos daí resultantes para o nosso governo, é mal em rápido desaparecimento e a sua ocorrência

este ano pode ser encarada como derradeira. O preço do óleo de espermacete desceu tanto que dificilmente algum navio será aprestado para o Atlântico e é provável que no próximo ano, ou antes na próxima época, haja um número muito limitado de homens a ser apoiados. De um ponto de vista egoísta será bom para o cônsul dos Estados Unidos no Faial

Respeitosamente,

Vosso humilde servidor,

S W Dabney  
Cônsul dos Estados Unidos

#### DOCUMENTO 74

Situação de afluência de marinheiros para repatriamento.

Original: IAC, *Correspondência dos Cônsules dos Estados Unidos nos Açores*, CD2,  
Rolo 9, n.ºs 586 e 587

Consulado dos Estados Unidos nos Açores

Faial, 13 de Abril de 1888

Ilustre George L. Rives  
Secretário de Estado Adjunto  
Washington

Senhor,

Tenho a honra de submeter à V. apreciação os mapas consulares do trimestre findo em 31 de Março e referirei que nesta data saquei sobre o Departamento \$538,42, saldo da minha conta-corrente.

No meu despacho de 28 de Janeiro chamei a atenção para a má sorte que se abateu sobre o consulado no último trimestre de 1887 ao ter tantos homens ao cuidado do consulado, mas agora tenho de informar que a mesma infelicidade continua neste trimestre. Os homens a cargo do consulado que deviam ter partido a 9 de Janeiro para New Bedford no bergantim *Moses B. Tower*, ficaram aqui até ao dia 3 de Março em virtude de uma colisão entre aquele e outro navio dado que, entretanto, não se apresentou outra oportunidade para os repatriar.

Respeitosamente,

Vosso humilde servidor,

S W Dabney  
Cônsul dos Estados Unidos

[Os anexos não se encontram no processo]

## DOCUMENTO 75

Um caso de alegado contrabando de tabaco praticado pela barca *Mary Frazier*.

Original: IAC, *Correspondência dos Cônsules dos Estados Unidos nos Açores*, CD2,  
Rolo 9, n.ºs 621 e 622

Consulado dos Estados Unidos nos Açores

Faial, 12 de Outubro de 1888

Ilustre George L. Rives  
Secretário de Estado Adjunto  
Washington

Senhor,

Lamento informar que a 3 do mês corrente, o navio português, a canhoneira *Açor*, comandante Amaro L. d'Azevedo Gomes, trouxe a reboque para este porto a barca baleeira *Mary Frazier*, da praça de Edgartown, aprisionada por, alegadamente, tentar escapar aos direitos relativos a cerca de cem libras de tabaco, quando o navio navegava à vela ao largo da ponta Leste da ilha do Pico.

Não darei detalhes de momento porque tenho a expectativa de que o julgamento que está prestes a ter lugar, termine com um veredicto favorável, ainda que tenha sido imposta uma garantia relativa a uma multa máxima de 1.360\$000 Réis, além de caução pessoal do capitão pelo valor de 300\$000 Réis.

Não deixarei de informar logo na primeira oportunidade o resultado do julgamento.

Respeitosamente,

Vosso humilde servidor,

S W Dabney  
Cônsul dos Estados Unidos

## DOCUMENTO 76

Os sinais do declínio da actividade baleeira no Atlântico.

Original: IAC, *Correspondência dos Cônsules dos Estados Unidos nos Açores*, CD2,  
Rolo 10, n.ºs 272 e 273

Consulado dos Estados Unidos nos Açores

Faial, 16 de Abril de 1889

Ilustre George L. Rives  
Secretário de Estado Adjunto  
Washington

Senhor,

Tenho a honra de levar ao V. conhecimento os meus mapas do trimestre findo a 31 de Março e informo também que saquei sobre o Departamento nesta data \$ 290,68, valor do saldo da minha conta-corrente para o mesmo período.

O valor relativamente pequeno gasto em apoio aos marinheiros carenciados, na área consular, no decorrer do passado ano, comparado com o que foi gasto para esse fim em doze meses a meados do século, mostra de modo claro o estado de decadência a que chegou a, outrora, florescente indústria levada a cabo pelos nossos navios de pesca ao cachalote no Oceano Atlântico.

Respeitosamente,

Vosso humilde servidor,

S W Dabney  
Cônsul dos Estados Unidos

[Os anexos não constam do processo]

#### DOCUMENTO 77

As razões determinantes para a deserção de marinheiros.

Original: IAC, *Correspondência dos Cônsules dos Estados Unidos nos Açores*, CD2,  
Rolo 10, n.º 399

Consulado dos Estados Unidos nos Açores

Faial, 22 de Maio de 1890

Ilustre William F. Wharton  
Secretário de Estado Adjunto  
Washington

Senhor,

Remeto junto um relatório solicitado pela circular de 31 de Março de 1890 sobre as causas das deserções de bordo de navios americanos nesta área consular. No relatório ver-se-á que são apenas os navios baleeiros que perdem os seus tripulantes nestes portos e que a causa principal é o desgasto relativamente à vida proporcionada pelas várias [?], duas das quais são a grande duração das viagens e a reduzida remuneração.

Respeitosamente,

Vosso humilde servidor,

S W Dabney  
Cônsul dos Estados Unidos